

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 E
 OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Toda a vez que o sr. Lauro Müller inaugura um trecho de caminho de ferro, temos impetos de lançar-lhe desta columna um punhado de flôres, porque o fino ministro desfecha um golpe no mais velho, no mais formidavel inimigo do progresso da nossa terra.

A nossa grandeza depende, essencialmente, de approximarmos o littoral dos sertões uberrimos, quasi inaccessiveis, onde jazem os fabulosos depositos de riqueza, que fôram o *el-dorado* dos bandeirantes, dos colonisadores audazes, cuja bravura indomita, cuja força haurida do sangue purissimo de uma raça de heróes, se desperdiçou, quasi inutil, subindo rios interminos, penetrando o seio escuro das florestas, luctando contra a distancia.

Estão quasi perdidas, apagaram-se na vastissima região central do Brazil as pérgadas daquelles pioneiros, sedentos de ouro; não se conhece mais o caminho ás minas dos Martyrios e, ainda hoje, nos assombamos ante os milagres de actividade realizados pelos portuguezes; não podemos atinar como, através das medonhas cachoeiras dos rios da Amazonia, elles transportaram material de construção e artilharia para o forte Principe da Beira, transpondo com essas cargas de titans passos perigosos, que os homens da nossa raça degenerada temem affrontar em pequenas canôas, e aos quaes pagam, annualmente, pezado tributo de dinheiro, de vidas, tragados nas cachoeiras vorazes, nos combates contra os selvagens, ou estiolidos pela malaria.

O governo imperial não onson deffrontar de modo definitivo o problema da viação do Brazil; as vistas dos seus estadistas não alcançavam além dos horisontes fechados pelas montanhas da zona que váe do Rio de Janeiro a

S. Paulo e o tentamen de procurar as margens do S. Francisco se realisava lentamente, por diversos trechos iniciados em Pernambuco, na Bahía e em Minas, numa desesperadora marcha de kagado.

Havia magnificos projectos, um plano geral, estudado, a olho, em todas as minucias, denunciando generosas intenções que, como em outros ramos da administração publica, ficaram em esplendidos desenhos minuciosos, eruditos pareceres, formando enormes rolos de papel, que o cupim da secretaria da Agricultura foi devorando pacientemente, para que não ficassem vestigios das phantasias da engenharia indigena.

Essa projectada estrada de ferro do Madeira e Mamoré, que um recente tratado resuscitou, consumiu em pura perda os milhões de Collins, os esforços de Morsing, de Pinkas e outros engenheiros notaveis. Um trecho de linha, construido pelos emprezarios americanos, ficou em S. Antonio, abandonado, como o extraordinario material, trilhos, locomotivas, wagons, casas de ferro e madeira, uma typographia, instrumentos aratorios, comidos pela ferrugem ou vendidos como ferro velho. Dessas duas tentativas ficaram cruces assignalando as sepulturas dos companheiros de Collins e de alguns jovens engenheiros brasileiros e uma papelada condemnada ao pó do archivo dessa memoravel campanha desastrosa.

Essa tentativa váe ser renovada pela terceira vez com vantagens muito problematicas para o Brazil e para a Bolivia, porque posterior conhecimento da região e mais minuciosa exploração da sua rêde fluvial indicaram o abandono daquelle projecto.

A região amazonica tem as suas vias de communicacão, os seus rios, caminhos que andam, delineados pela natureza; não necessita de caminhos de ferro emquanto a sua população fôr exclusivamente ribeirinha, em-

quanto estiver esparsa naquelle labyrintho de rios e florestas inextrinçaveis.

Plano mais barato e muito mais vantajoso seria o de attingir o planalto boliviano pelo centro do Brazil, prolongando, naquella direcção, a estrada de ferro Central. Dar vazão aos productos bolivianos pelo Amazonas, impondo-lhes uma baldeação no ponto de exportação e outra em S. Antonio é, sem contestação, menos vantajoso do que offerecer á Bolivia uma porta franca no Atlantico, communicando-a, directamente, com o littoral brasileiro e approximando-a da Europa.

Não é necessario ter o cerebro repleto de noções scientificas, de perfeito conhecimento do percurso interessado nos dois projectos, para opinar pelas communicacões directas. No primeiro caso, o traçado transpõe a região encachoeirada, cujas margens produzem borracha para o carregamento de alguns vapores; no segundo, elle atravessaria territorios feracissimos, de clima incomparavel, no qual se poderiam estabelecer centros industriaes de criação, de cultura de cereaes, de fructos, servidos de uma colonisação que os meios de viação rapida facilitariam, dando, em poucos annos, extraordinario trafego á estrada.

Esse traçado viria completar o plano do sr. Lauro Müller, ligar o interior ao litoral e pouparia os milhões que vão ser atirados na região do Madeira, uma voragem que está merecendo as honras de classica.

Não dôam as mãos ao illustre e esguio ministro em bater esses marcos miliarios do progresso, que lhe conquistarão indulgencias plenarias para velhos e novos peccados de politicagem, e para desviar os golpes da protervia que não poupam os mais eminentes, como os mais humildes.

Quando a sua flexivel pessoa se delir, na suprema contingencia das coisas vivas, ficarão esses vestigios inapagaveis para attestarem a passa-

gem de um ministro que fez engenharia, que fez caminhos de ferro.

*
* *

Conta-se que, ao inaugurar-se o presente e sublime governo, um goyano da gemma procurou o sr. Bulhões para dar-lhe parabens pela acertada escolha das suas luzes, competencia e honestidade para carregar a pasta da Fazenda.

— Nós de Goyaz — disse-lhe o homem — estamos agora esperançados de conquistar os melhoramentos de que depende o nosso progresso. Com v. ex. no ministerio, contamos, pelo menos, com uma estrada de ferro.

— Não ha dinheiro.

— Como? - Não ha dinheiro para uma estrada de ferro para o berço do ministro da Fazenda?

— Qual, homem. Nós não necessitamos de estradas de ferro. Olha, meu velho amigo: quem quizer ir a Goyaz váe mesmo...

Disso resultou talvez a opposição que está dando que fazer ao nosso interessante sr. Bulhões.

*
* *

Construir caminhos de ferro no deserto, rasgando o seio das florestas, expondo-se aos assaltos dos selvagens, parece loucura de perdulario; temos, entretanto, como intuitiva lição, os maravilhosos resultados, obtidos pelos malucos da America do Norte, comprehendendo a mais vasta rede de communicação do mundo, quando o paiz, cambaleava mal ferido pelos desastres da guerra da sessecção, a mais cruenta campanha do seculo passado.

Dessa loucura, surgiu, com surpresa dos cautelosos doutores em economia politica, a grandeza daquelle portentoso paiz, como a nossa será uma esperanza realisada, no dia em que o sr. Bulhões puder, de Goyaz, dar um pulo ao Rio de Janeiro, e o sr. Montenegro vier, em alguns dias de viagem, esporecer a monotonia da vida paraense, assistindo alguns espectaculos no Theatro Lyrico, ou mantendo saudades da rua do Ouvidor.

A distancia é o nosso maior inimigo, o mais formidavel obstaculo á exploração das nossas riquezas naturaes, que não cessamos de celebrar

em prosa e verso, não empregando, jámais, os meios praticos e efficazes para attingil-as.

As estradas de ferro são os canaes de derivação das fontes productivas, cuja esterilidade por falta de transporte rapido e barato, tanto afflige os governadores dos Estados ricos, onde a população perlustra, á cata de meios de subsistencia, um sólo de ouro e pedras preciosas. Mas não se enche o estomago com pepitas de ouro, nem se fazem feijoadas de diamantes: é preciso que essas preciosidades sejam collidas; é indispensavel que venham aos mercados, onde se transformarão em utilidades remuneradoras do trabalho de explorações dispendiosas, uma vez que a natureza nada nos dá de graça, seduzida pelos nossos bellos olhos.

As estradas de ferro são os vehiculos da riquezas nos paizes vastos e despovoados como o nosso.

*
* *

O sr. Lauro Müller, comparando mal, relembra d. João VI, principalmente depois deprehender o aproveitamento das nossas jazidas carboniferas, que os technicos nacionaes sempre condemnaram como coisa imprestavel, naturalmente porque elles aprenderam nos livros, nos tratados, essas coisas que sómente a pratica pôde ensinar.

D. João VI esboçou um programma de melhoramentos materiaes, de emprehendimentos industriaes que, ainda hoje, constituiriam um patriotico plano de governo. E não lhe escapou a necessidade de explorar o nosso carvão de pedra, de obter esse nervo da industria para a propulsão de um povo que possúe, em abundancia, inextinguiveis depositos de ferro e manganéz, os musculos do progresso.

Aquillo que muitos homens, muitos sabios não puderam conseguir com muitos estudos transcendentés, muito dinheiro, acabamos de obter por meio do espirito emprehendedor do nosso ministro, auxiliado pelos conhecimentos praticos de um engenheiro norte americano que trouxe, como cartões de apresentação, briquetes feitos de carvão do Rio Grande do Sul.

E é por essas e outras façanhas de

administrador operoso, que não regateamos ao ministro emprehendedor as flôres do nosso applauso sincero.

POJUCAN.



Um jornal de Lisbôa, o *Seculo*, publicou na sua revista semanal, uma carta de um seu correspondente em Berlim, a respeito da vida do duque de Henckel, «personagem que representou tão importante papel na queda de Delcassé».

Transcrevemos, em seguida, essas linhas curiosas em que os leitores poderão conhecer os antecedentes desse curioso allemão. A verdade dessa historia é evidente.

A QUÉDA DE DELCASSÉ

Guido Jorge Frederico Henrique Adalberto, conde Henckel, primeiro principe de Donnersmark, decimo terceiro barão de Beuthen, Fideicommissario de Tarnowitz Naudeck, fundador e proprietario de trez outros morgados e ainda de meia duzia mais de quintas senhorias na Silesia, na Polonia e na Gallicia, membro da camara dos Senhores, da Prussia, e conselheiro intimo actual, é personagem cujo nome ha de largamente figurar na historia moderna da Europa, quando esta, com todos os fios, ainda os mais secretos, servir de divertimento e talvez de lição a nossos netos.

De certo que ahí em Lisbôa, foi lido ou traduzido o artigo em que o *Temps*, de Pariz, dava conta ultimamente de uma pretendida ou verdadeira missão politica do principe á França, — pretexto para que, sem irritação desnecessaria das chancellarias, a Alemanha dissesse á nação visinha tudo quanto tinha a pezar-lhe no coração, acerca do ardiloso Delcassé, e mais das tramas com este ia ceifando disfarçadamente por sob os pés tudescos, a herva tenra e succulenta que não tem deixado de vicejar desde 1871 para cá.

Personagem conhecidissima da sociedade berlinense, politico, agricultor, industrial e negociante, sem por um momento siquer perder a linha dominadora de grande fidalgo, a sua longa vida de 75 annos dá assumpto para encher um capitulo, que não será dos menos interessantes na chronica politica dos ultimos cincoenta annos.

Entretanto, a sua figura, ao passar pela fidalguia prussiana, pobre e orgulhosa, deixa como que um sulco de admiração, de inveja, de antipathia, mixto de sentimentos suscitados pelo desplante com que este aristocrata da velha rocha, comprehendendo a orientação dos tempos que correm, abriu tenda de mercador e fabrica de indus-

trial, batendo no seu proprio terreno os grandes maguates do mercantilismo allemão.

De resto, é indifferente inteiramente ao juizo que delle possam fazer os seus pares, e não só no que toca a preconceitos de profissão, mas ainda a outros, que estão fundamente radicados na fidalguia allemã, — os relativos, por exemplo, ao casamento.

O leitor conhece, talvez, aquelle elegante palacete com que a gente depara, á esquerda, nos Campos Elyseos, ao seguir da praça da Concordia para o arco do Triumpho. Esse edificio, não muito vasto, mas de linhas proporcionadas e elegantes, foi scenario, ha trinta e tantos annos, de acontecimentos que, pela vez primeira, trouxeram o conde Henckel á rampa illuminada da notoriedade européa. A ultima vez que o vi, o palacete, foi ha bons dez annos, numa daquellas rapidas visitas a Pariz, decididas de repente, em Traz-os-Montes, num indominavel sêde de civilização, de elegancias, de prazeres, — que me attirava de roldão pela linha Foz-Tua abaixo, e me fazia engalfinhar, febril e enthusiastado, num wagon poeirento do *Sud-Express* e voar para o *Grand Hotel*, então, para mim, centro e apogeu de tudo quanto ha bom nestemundo! Durará, de facto, o palacete, ainda? Talvez! Ha dez annos, estava lá o famoso Cubat, o grande e inimitavel Cubat, ex-cosinheiro em chefe do czar, o homem dos molhos maravilhosos, das transcendencias culinarias, em cujo restaurante o meu garfo trausmontano praticava façanhas memoraveis, com grave ruina das minhas posses de viticultor mais ou menos philoxerado!

Nesse tempo, toda a gente chamava ainda ao palacete-restaurant o *Hotel Paivá*, e este nome accordava, como echo que se apaga, ou perfume que se desvanece, a recordação da que, nos tempos divertidos do segundo imperio, fôra a mais linda e espirituosa cortezã, essa grande e celebrada Paiva, a cuja meza se sentaram principes e diplomatas, escriptores e artistas, e a cuja côrte de veuaes amores dizem que o proprio Napoleão III não desdenhára pertencer.

Fôra o genial e extravagante duque de Morny que um dia puzéra as chaves de ouro do palacete aos pés da semi-deusa, que nascera Branca Lachmanns, em Moscou, simples e modesta filha de um honrado operario. Casada com Franz Willoing, mestre alfaiate, eil-a pouco depois fugida por essas capitaes da Europa ao lado de Herz, então nunna das suas falladas *tournees* de pianista celebre, — e acobertada sob o falso nome de madame Herz.

O musico, de regresso a Pariz, deitou contas á sua vida, e calculou que

o delicioso vampiro, que completamente lhe desfizera em fumo o producto dos seus concertos, enguliria, sem difficuldade, todo o dinheiro que lhe costumava render a fabrica de pianos, então no auge da sua voga. E deu por terminada aquella dispendiosa *phantasia*, seja dito sem trocadilho.

A transicção foi rapida. Caída na miseria, Branca Lachmanns travou conhecimento com uma modista pariziense, que, avaliando devidamente os extraordinarios dotes de corpo e de espirito da ex-madame Herz, tomou á sua conta *lançal-a*, como então por lá se dizia e talvez ainda se diga. O certo é que, sob os auspicios da modista, pouco depois Branca Lachmanns apparecia em Londres num camarote do Covent-Garden e, a breve trecho, atrellava ao seu luxuoso carro lord C., um dos mais ricos senhores do Reino Unido, que durante algum tempo se manteve na posição de protector declarado e official.

E foi então que veio installar-se em Pariz, onde fez, desde logo, andar á roda cabeças e bolsas, de modo até então sem exemplo, com o seu milhão de francos de renda annual e o seu palacio das Mil e Uma Noites, dado por Morny. A celebre escada de onix data dessa epocha. A sala de banho era de marmores finos com filetes e ornatos de oiro massiço; o quarto de cama, um souho inverosimel de madeiras preciosas, de rendas carissimas, de estofos bordados por mãos de fadas.

O nome com que Branca Lachmanns figurava então, e sob o qual ha de perdurar na chronica do mundo galante, foi o de *madame de Paivá*, o que dá ainda, sob certos pontos de vista, fóros de portugueza a essa estrella inegulavel da sociedade... em que a gente se não aborrecia. A tradição, errada, attribúe-lhe muitas vezes como temporario marido ou protector o visconde de Paiva, antigo ministro de Portugal em Pariz, e depois em Berlim, onde acabou, fazendo saltar os miolos num quarto de hospedaria; mas a verdade é que o Paiva desta formidavel e lindissima mulher era um simples portuguez abrazilizado, rico e num tanto *rastaquouère*, que teve em Pariz o seu momento de voga, até se sumir, de repente, já me não lembra como.

Submergido, porém, o Paiva, surge na scena um authentico fidalgo, conde allemão, filho de um cavalleiro da Aguiá Negra, — nem mais nem menos do que o actual principe de Donnersmark, — e eil-o marido mal ou bem com a linda Paivá, cujas carruagens, banquetes e joias dão cada vez maior deslumbramento á Pariz doidivanas do segundo imperio.

O conde, porém, de modo algum perdia o tempo como politico, e como

allemão. Lançado na alta vida da côrte napoleonica, intimo das grandes personagens da administração e da finança, ninguem melhor do que elle aprendeu a conhecer as fraquezas que secretamente faziam caminhar tudo aquillo para estrondosa derrocada.

Foi justamente quando esse momento chegou, que Bismark se lembrou de utilizar a excepcional posição conquistada pelo conde Henckel, e a sua extraordinaria e especial experiencia em coisas francezas.

E' assim que o vemos prefeito de Metz, logo após a conquista desta pelos allemães, e companheiro de Bismark até á assignatura da paz.

Em 28 de outubro de 1871, justamente ao findar da guerra, casaram, segundo os ritos da egreja, em Pariz, o conde Henckel, e madame de Paivá, que terminou, portanto, a sua carreira como condessa de Henckel, baroneza Bentheu, etc., etc., e veio a fallecer aos 58 annos de idade, no seu castello de Neudeck, em 21 de janeiro de 1884 (*vide* almanach de Gotha, 1905, pag. 322). Trez annos depois, o conde Henckel passava a novas nupcias com madame Muraviev, viuva de um homem de Estado russo.

Eis aqui, a traços largos, o que consta dos meus apontamentos de curioso e de velho viajante, acerca da personagem que representou tão importante papel na quêda de Delcassé, embóra os livros azues e amarellos da questão marroquina nada saibam a tal respeito.

O conde de Frankenberg, no seu livro sobre a guerra franco-prussiana, occupa-se bastante do conde Henckel, e para lá remetto o leitor mais curioso e investigador.

O que me fica ainda a desafiar a curiosidade é se ainda existirá o hotel da Paiva!

Hei de reparar a primeira vez que passar em Pariz.

X.

A ARMADA NACIONAL

A arte da guerra naval. — O vapor. — Um trecho de relatorio. — Um porão de navio convertido em lama.

Na arte da guerra naval, davam-se, já em 1830, os primeiros passos numa senda nova; começava-se a adoptar o vapor.

As machinas, ainda fracas, fracas velocidades imprimiam. Não havia vantagem decisiva militando em pról do novo motor; além disso, o emprego das rodas, como propulsores, diminuia consideravelmente o poder offensivo, do navio de guerra, reduzindo-lhe a extensão da bateria, e augmentava-lhe extraordinariamente o risco de perder o movimento, expostas como eram

ellas. Assim, só com lentidão e com os pequenos progressos que a industria realisava, foi ganhando de importancia o novo motor, até que o emprego das hélices veio dar-lhe completa e inteiramente a victoria, começando esse longo periodo de agonia do navio de guerra á vela.

Na nossa armada, no emtanto, muito floresceu elle ainda e tão grande era o nosso espirito de rotina que, perdidas as velleidades de perpetuar o vento como motor unico, a idade de ouro do navio muito prolongou-se até poucos annos atrás.

* *

De 1830 a 1850, descurára-se o augmento do nosso material, cessadas as urgentes necessidades que nasceram com a campanha cisplatina. O governo de então, como todos os que lhe succederam, recebidas as lições da experiencia, deixava-se dormir sobre o nosso enorme poder, (assim o julgavam) ou, antes, sobre as relações amigaveis com as republicas visinhas, presas, em geral, de luctas civis e incapazes de desenvolverem suas froas de guerra.

«Desde a Independencia até 1850, o maximo do seu poder (refere-se á esquadra) pelo numero e valor militar das unidades tacticas, fôra attingido ao terminar-se a guerra da cisplatina em 1828...» (1)

Nem o material existente era bem conservado em geral e já se fazia sentir, havia muito, a imprestabilidade de grande numero dos nossos navios, que se foi aggravando e terminou por tornar no decennio de 1840 a 1850, a esquadra brazileira um acervo de vasos, em sua maior parte, incapazes de serviço activo, não já na guerra, mas mesmo na paz.

Começava então o systema dos remendos que, até nossos dias, veio, consumindo sempre o melhor dos nossos orçamentos.

E, a proposito, convém citar um trecho do relatorio de J. J. Rodrigues Torres, apresentado ao Parlamento em 1834. «Tal é o estado de ruínas a que chegaram os dois melhores navios de nossa esquadra, que o proprio tonelame de um delles foi tirado do porão já convertido em lama!»

«Quanto á artilharia dos nossos navios de guerra,— diz o almirante Jaceguay, — antes da aquisição feita na Inglaterra dos dois vapores *D. Affonso* e *Amazonas*, era toda dos modelos mais antiquados; colubrinas e coronadas constituíam o principal armamento da generalidade dos vasos da esquadra...» e, continúa ainda: «em 1850 eram raros na nossa marinha os canhões do systema Paxhaus, que representam a ultima palavra dos progressos da artilharia de alma lisa, em

nosso seculo, tendo sido inventados em 1824.»

Quanto á organização dos diversos serviços navaes, o mesmo espirito de rotina os conservára inalteraveis; subsistiam todas as instituições coloniaes, excepto num ponto, que abordaremos. A quelle respeito, já em 1824, junho, dizia lord Cochrane, na sua pessima linguagem: «confessei a v. ex. que no caso que se não adoptassem os regulamentos das marinhas das nações mais poderosas, em logar dos que se acham em vigor; e no caso que os officiaes e marinheiros do Brazil se não achassem nas suas pessoas e propriedades fóra do poder dos tribunaes portuguezes e de toda influencia portugueza; e no caso que seu valor e prestimo não fôssem premiados como hé costume nos mais paizes, nada podia-se esperar da marinha que a tornasse util ao Estado»; depois, acrescenta: «hé com o maior pezar que vejo a minha communicacão a v. ex. respondida de uma parte á qual já em vão dirigiram-se tantos officios e memoriaes sobre o mesmo assumpto, pois nunca tomou-se o meu conselho em natureza alguma relativa á Marinha»; e ainda: «portanto, é inutil falar nestas coisas, tantas vezes repetidas; sómente resta-me perguntar a v. ex. a respeito do ultimo decreto relativo á soldada dos marinheiros. Si, na realidade, o governo se póde persuadir que por um premio pago ao fim da guerra, tanto áquelles que combaterem como áquelles que não quizerem, que eu posso induzir officiaes e marinheiros a travar-se e tomar embarcações de guerra inimigas; dalli resultando beneficio unicamente ao Estado?»; e mais adeante: «Mas, basta isto: — como commandante em chefe, já para mim tudo se acabou e a responsabilidade tanto como a direcção da marinha entregarei ás mãos daquelles que a reduziram ao seu presente estado... Muito sentimento tenho que o governo não parece estar plenamente prevenido do descontentamento dos officiaes e marinheiros e que pagamentos do passado, sem melhores regulamentos para o futuro, pouco hão de valer.»

O almirante Jaceguay, tratando do assumpto, transcreve um topico desse officio, e depois de fallar do acrescimo que tivera o nosso material com a guerra cisplatina, diz: «esse mesmo desenvolvimento dado a uma força naval, segundo os moldes das vetustas e incongruentes instituições maritimas de Portugal, ainda mais salientou os seus vicios organicos, e o ministro Rodrigues Torres, em 1833, dizia ainda ás Camaras: «Por muitas vezes, senhores, tenho tido occasião de notar quão viciosamente é organizado o ministerio da Marinha. Neste ramo de administração publica, nin-

guem ignora, tudo está ainda por crear...»

Pois bem; só em 1840, se dava nova orientação e novo local á Academia de Marinha, que, até então, estivera installada em terra.

E o problema do pessoal só o havia de ser dali a trez annos, conforme veremos.

A respeito dos arsenaes, nada de melhor podemos dizer, e eram então já um prenuncio do que chegariam a ser no seculo XX. Socorrer-nos-emos ainda, e não será a ultima vez, do sr. almirante Jaceguay.

«Em geral, porém, a producção da industria da construcção naval, no Paiz, diminuiu consideravelmente, tanto nos estabelecimentos navaes do Estado, como nos estaleiros particulares, no periodo decorrido desde a terminação da lucta da nossa Independencia. O marquez de Paranaguá, ministro da Marinha em 1843, chamava a attenção, em seu relatorio, dos representantes da Nação, para o facto da fragata *Dois de Dezembro*, a qual, maudada construir no arsenal do Pará, no anno de 1824, ainda se achava no estaleiro. O ministro da Marinha, Hollanda Cavalcante, em 1845, dizia:

«As nossas construcções téem sido em toda parte abandonadas. Nos primeiros momentos, em que se sacdiu o Brazil da dependencia dos seus governadores europeus, preciso foi lançar-se mão do que se achava de mais prompto; e as nossas distrações, fi-lhas talvez da pouca resistencia que se nos oppoz depois, fôram dando causa ao abandono em que insensivelmente nos deixámos cair e que nos atrazou mais do que deveramos estar: nossa construcção naval de hoje comprova o que deixo dito.»

«No Paiz, não havia (1850) officina alguma preparada para fundir canhões, mesmo do calibre médio de 24, usado naquella epocha.»

«Todos os materiaes para aprestos dos navios, como ainda succede hoje, eram importados do estrangeiro. A mesma cultura do linho-canhamo, iniciada no Paiz, nos tempos coloniaes, cuja producção se contava para abastecimento da cordoaria installada em Nictheroy, como dependencia do arsenal de Marinha, havia desaparecido por completo.»

Um dos problemas mais importantes a resolver naquella epocha, e que, ainda hoje, volvidos sessenta annos, depois de brilhante e completamente resolvido, preoccupa todas as administrações, era o de abastecimento de guarnição á esquadra.

Logo após a formação da nossa marinha de guerra, a marinhagem era toda contractada. Os desta origem ficaram posteriormente destinados á manobra, creando-se, então, o corpo militar de artilharia de marinha, cujos

claros, pela deficiencia de voluntarios, eram preenchidos pelo recrutamento; e esse processo violento tinha de dar, fatalmente, o resultado que deu e o ministro já citado assim se exprime em 1832, em seu relatório: «O corpo de artilharia de marinha se acha reduzido a 600 praças. Entretanto, o governo não tem julgado conveniente leval-as ao numero fixado na supra citada lei de 31 de agosto, porque o espirito de rebeldia e sedição, manifestado entre os soldados daquelle corpo, é um fóco de infecção, que pegaria o contagio a todos que se lhe reunissem. Quando, pois, se não julgue conveniente desfazel-o e dar-lhe uma outra organização, tenciona o governo, antes de proceder a novo recrutamento, expurgal-o de todos esses individuos, cujo espirito inquieto e de insubordinação tem concorrido para romper os laços da disciplina militar, e fazer da mór parte dos nossos soldados o flagello da sociedade, em vez de defensores, que della deviam ser.»

A bellissima criação das Escolas de Aprendizes Marinheiros, surge, então, vagamente delineada, na solução que, em 1836 e após varias tentativas, se deu áquelle problema.

Effectivamente, a criação das companhias fixas de marinheiros era já um esboço rudimentar daquellas escolas e uma conquista de importancia levada a cabo pelo benemerito Salvador Maciel. Lentamente, foi sendo melhorada e ampliada essa criação, que, a despeito de sua superioridade, encontrou alguma resistencia, conforme nos faz saber o sr. Jaceguay.

E não ficou nesse titulo de benemerencia a obra de Salvador Maciel. Desenvolvendo a sua idéa, creou as Escolas de Aprendizes, brilhante conquista réalmente, tão lamentavelmente pervertida pelas nossas administrações navaes, e nas quaes, espiritos fechados a largos horisontes, impotentes ante a politicagem que distribue os logares de commandantes dessas Escolas, tidos infelizmente como cargos de descanço e recompensa a afilhados; espiritos mesquinhos vêem, tão só, uma fonte de despeza inutil!

Voltaremos a este assumpto.

Quanto ao quadro de officiaes, no correr mesmo do que vimos escrevendo, já se tem dito algo a respeito.

Continuavam os nossos officiaes a ser fornecidos pela Academia de Marinha. Das poucas obras que a respeito consultámos, nada se apura sobre a refórma do ensino. Apenas, se dedúz que até 1840 funcionou em terra e que poucos annos depois para terra voltou, e dahi só saíu definitivamente quando o sr. visconde de Ouro Preto, ministro da Marinha, entre innumerous outros, prestou tambem esse benefico serviço. E esse illustre estadista, a

proposito dum absurdo projecto apparecido em 1894, no seu livro *Marinha d'outr'ora*, dá-nos a conhecer a opinião de Napoleão I, que s. ex. qualifica de maior genio militar do seculo, a respeito duma escola naval em terra: «Uma escola de marinha em terra seria coisa tão ridicula como uma escola de cavallaria a bordo de um navio.»

Mas, felizmente, a movimentação que tinha por essa epocha a nossa esquadra, quer tomando parte na pacificação de varias provincias, quer na repressão do trafico, suppriam as lacunas que houvesse no ensino da Academia.

Ainda era bem simples a carreira de official d'Armada!

E do livro dos srs. Jaceguay e Vidal de Oliveira, tiramos ainda: «O numero de officiaes de cada uma destas classes foi, por muitos annos, indeterminado, não existindo quadros fixados por lei; e a carunchosa legislação portugueza, applicavel á organização dessa parte do pessoal da marinha de guerra, em relação ao estado militar dos officiaes, isto é, aos seus direitos e deveres para com o Estado, á admissão no serviço, á hierarchia, ás promoções e á discriminação das respectivas funções, só com muita lentidão foi sendo carregada em suas anomalias, lacunas e anachronismos. Quanto á sujeição disciplinar de todo o pessoal d'Armada, não havia para regulal-a um codigo especial, applicando-se-lhe ora o regimento e artigos de guerra provisionalmente postos em vigor na marinha portugueza em fins do seculo passado e principio do nosso, ora o regulamento, igualmente draconiano, das instituições introduzidas no exercito de Portugal, pelo conde de Lippe, no anno de 1763.»

«Anteriormente á promulgação da lei de 1873, (de promoções) a grande margem de arbitrio que tinha o governo em materia de promoções, déra logar a muitos abusos, dos quaes o maior foi o de ter-se recebido desmedidamente, durante alguns annos, o numero de officiaes superiores, reclamados pelas necessidades de serviço, para o que o poder Legislativo só encontrou correctivo suspendendo temporariamente ao Executixo a faculdade de promover aos postos superiores; extremos que redundaram em prejuizo da maioria dos membros da corporação da Armada.»

Começou a surgir por essa epocha, com a adopção do novo motor, a classe dos machinistas. Como? Bazeada em que? Com que orientação? Nada foi pensado. Contractavam-se os machinistas segundo as necessidades; não se estabeleceu um plano para desenvolvimento do quadro, não se procurou estabelecer uma escola para machinistas. Nada!

Assim, temos passado em revista o que fizeram pela Marinha os gabinetes do Imperio, desde 1828 até 1850.

O material fluctuante, diminuindo e deteriorando-se em geral; os primeiros navios a vapor, entrando em serviço, ainda mal recebidos, e empregados antes como correios e vigias da costa, do que como navios de guerra e sem que se preparasse o pessoal para elles.

Os arsenaes em decadencia, abandonados, inactivos; uma fragata, consumindo mais de 20 annos, para sua construcção, *Tamandaré* do primeiro Imperio, — parto laborioso cuja gestação foi no primeiro reinado, vindo dar-se a concepção no segundo, como aquelle cruzador, gerado no segundo imperio e dado á luz na Republica. Officinas paralyzadas por falta de madeiras, por falta de linho-canhamo, arsenaes que «longe estavam de poder attender ás necessidades do serviço, mesmo em epochas normaes.»

O quadro de officiaes da Armada, descurado, sujeito ao arbitrio e á injustiça; sua escola em terra, com programma á moda colonial e o complemento da sua instrucção confiado ao accidental: repressão de trafico e correspondencia do governo.

A classe dos machinistas, como tudo na Armada, creada pela urgencia das circumstancias, sem orientação.

E no meio de toda essa inepcia, de toda essa inutilidade, de toda essa rotina, só grande, só elevada, a criação de Salvador Maciel, indicando o unico meio de se obter o marinheiro, não o marinheiro como queria a sua geração, bruto, boçal, escravo, mas o marinheiro de ahi a sessenta annos — de hoje — polido, auxiliar do superior, feito pelo exemplo, pelo raciocinio, e não pelo açoite, não pela grillheta.

Mas, para que tanta clarividencia! A sua criação é realidade, e o marinheiro é o mesmo.

Cincoenta annos mais tarde, veremos, dava-se o mesmo: — arsenaes parados, material deteriorado, officiaes sujeitos á politicagem e ao despeito dos chefes; a classe de machinas abandonada e um ministro muitissimo sensato e muitissimo intelligente mandando construir navios modernos! — quem os guarnecerà? quem os commandará? — e desejando matar a criação de Salvador Maciel.

Como são semelhantes duas epochas, distantes de meio seculo de progressos na arte naval!!

(Continúa)

TONELERO.

(1) A. Jacegnay e O. Freitas. *Ensaio sobre a guerra e desenvolvimento da marinha brasileira.*

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas do 1.º trimestre de 1904 e do 1.º semestre de 1905.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Os trabalhos de Loeb sobre os ovos não fecundados de estrellas do mar immersos num tanque d'agua salgada.

O sr. Jean Finot, na *Philosophia da Longevidade*, mencionou os ensaios de criação artificial nos Estados Unidos da America e o proseguimento dos trabalhos, nesse sentido, pelo professor Loeb, da Universidade de Colombia, sobre os ovos não fecundados de estrellas do mar immersos num tanque d'agua salgada, com um pouco de chlorureto de magnesia.

Graças á endosmose e ao elemento chimico introduzido n'agua do mar, os ovos, assim tratados, produziram células vivas que, desenvolvendo-se no laboratorio, se tornaram blastodermas verdadeiros e muito vivos.

Essas experiencias de Loeb provocaram, desde o inicio, numerosas controversias, e muitos criticos lhe duvidaram da sinceridade. Elle, porém, não desanimou com esses ataques; continuou os estudos, as investigações, cujos resultados acaba de publicar no *Boletim* da Universidade da California. Os seus ultimos trabalhos tiveram por objecto formar, nos ovos das estrellas do mar, a membrana da mesma maneira que ella se fórma na vida real. Na fecundação natural, essa membrana se constitúe, immediatamente, depois da entrada do espermatozoide. Loeb trata os ovos das *estrellas*, não fecundados, com uma solução de acido gordo acetico propionico, butyrico ou valerianico, adicionado com 50 % d'agua do mar. Os ovos ficam immersos nessa solução pouco tempo — meio minuto a um minuto e meio. Quando são removidos, depois, para a agua do mar, já contéem a membrana, que não se póde distinguir da produzida pela fecundação natural.

Esses ovos ficam, depois, n'agua do mar normal durante cinco e dez minutos, voltando a uma nova solução pelo espaço de vinte a cinquenta minutos. Quando são retirados para voltarem de novo á agua salgada normal, a formação dos micromeros se opera como nos ovos normalmente fecundados e nas mesmas condições de segmentação e de desenvolvimento.

O blastoderma se fórma, nos ovos de Loeb, tão depressa quanto nos ovos fecundados naturalmente e começa a nadar, a subir á superficie de maneira egualmente rapida.

Quando as larvas, assim obtidas por Loeb, apparecem na superficie e são colhidas num vidro de relógio, é muito difficil distinguil-as das provenientes do processo da fecundação natural, que elle julga ter reproduzido artificialmente.

Novo block-system. — A função automática do aparelho. — A garantia que offerece contra desastres.

No Estado norte americano Indiana, acaba de ser experimentado, com resultados satisfactorios, um novo *block-system*, differente dos até agóra empregados em ser absolutamente automática a função do aparelho, e cada conductor é avisado, durante a marcha, do afastamento ou da aproximação do outro trem.

A linha é repartida em secções como no systema inglez, mas comprehende dois trilhos supplementares, collocados entre as linhas que servem ao trem, ligados electricamente de maneira a estabelecer um circuito que acciona o aparelho adaptado a cada um dos trens em movimento sobre a mesma linha. O quadrante do aparelho informa ao conductor: desde que o trem entra numa secção bloqueada, elle é avisado, não só pelos signaes do quadrante como pela campainha telephonica. Ao mesmo tempo, o chefe das estações intermediarias sabem onde se acha, exactamente, cada trem em percurso, e pódem manobrar os semaphoros dos seus respectivos postos.

O novo systema é muito simples e de incontestaveis vantagens, como garantia de perfeita segurança contra desastres.

*
* *

O dr. Ostovalt preconisa o tratamento das nevralgias faciaes rebeldes, pelo seguinte methodo: injecções profundas de alcool cacaínado, ou stovaina, dirigidas sobre os principaes ramos do trigemeo. Essas injecções são tambem efficazes em outras nevralgias, como a do sciatico, do cubital, do plexo cervical.

*
* *

O radium e o virus rabico. — A prova do dr. Tizzoni. — Uma emulsão de medula rabica á acção de um sal de radium.

O radium exerce uma acção destruidora sobre os tecidos organizados e uma influencia que modifica certos microbios. Tizzoni, professor de pathologia, em Bolonha, demonstrou que o radium destróe absolutamente o virus rabico.

Na primeira série de experiencias, submeteram á acção de um sal de radium uma emulsão esterilizada, a 1 % de medula rabica, em um pequeno tubo, ao passo que outro tubo contendo emulsão semelhante ficou ao ar livre, sendo inoculados coelhos nos olhos, sob a duramater com o conteúdo do tubo submettido ás radiações: esses animaes ficaram indemnes de qualquer modificação morbida, mas os que fôram inoculados com a emulsão do tubo, testemunha succumbiram

de raiva paralytica, sobrevindo a morte no setimo ou no oitavo dia.

Si fôsse de curta duração, a acção do radium, uma hora apenas, sobre o virus rabico, os coelhos inoculados succumbiriam, mas muito mais tarde que os animaes empregados na experiencia, como testemunhas, sem os symptomas da fórma paralytica, soffrendo rapido emagrecimento, terminando em verdadeiro marasmo.

Em outra série de experiencias, coelhos inoculados com o virus rabico, fôram submettidos á acção do radium, dirigida aos olhos, sendo, na mesma occasião, inoculados para a comparação outros coelhos. As sessões eram quotidianas e duravam uma hora. Quando o tratamento radiotherapico, feito durante oito dias successivos, coincidia com o momento da inoculação, os animaes apresentavam, apenas, ligeiro enfraquecimento dos membros posteriores; ao passo que os outros e as testemunhas succumbiam de raiva paralytica, aquelles se restabeleciam completamente. Começado, porém, vinte e quatro horas depois da inoculação, o tratamento era impotente para evitar a explosão da molestia.

Essas experiencias são curiosas e importantes, porque demonstram, em primeiro lugar, aquillo que é sabido; isto é, que é urgente vaccinar o mordido o mais depressa possivel, uma vez que, vinte e quatro horas depois da inoculação, o radium não tem acção sobre o virus; em segundo lugar, parece provarem que a exposição do animal ao radium, immediatamente depois da dentada, póde salvá-lo, empregando o tratamento durante oito dias pelo menos. Nestes factos, seria possivel encontrar o germen de uma nova vaccinação anti-rabica pelo radium.

Dada a gravidade da molestia, seria para desejar que proseguissem as pesquisas naquelle sentido para obter resultados mais completos, mais definitivos.

OS ESTADISTAS DO PRIMEIRO REINADO

I

A Historia, desde 1821 até 1831, assignala uma série de successos importantes no Brazil.

O soberano representante da monarchia tradicional vê-se obrigado, pela revolução politica do liberalismo triumphante, a deixar a colonia e regressar á metropole. Singular destino desse monarcha!

A invasão estrangeira, em 1807, expelliu da metropole para a colonia e a revolução interna o expelle da colonia para a metropole, em 1821. Eis ali a Odysséa de d. João VI, errante, perturbado, afflictivo e sem repouzo.

Nessa decada, realisam-se notaveis acontecimentos tanto no Brazil quanto em Portugal, onde se tenta estabelecer o governo constitucional, cercando o poder absoluto da monarchia, instituindo-se os apparelhos do mecanismo do regimen da liberdade moderna.

No Brazil, inicia-se e realisa-se a obra da independencia nacional; funda-se o Imperio; reune-se e dissolve-se, pela violencia da força, a Assembléa Constituinte (1823); continuam as praxes do systema do absolutismo, contra as quaes apparece, como estrondoso protesto, a revolução pernambucana, que obriga d. Pedro I a promulgar a Constituição de 25 de março e a convocar a primeira Assembléa Legislativa, que funcionou em 1826. Este congresso obistou, algumas vezes, que o imperante transpuzesse os limites traçados pela lei suprema e, a despeito desses patrioticos esforços, d. Pedro organisou o ministerio de 5 de abril, que apressou o desenlace do drama.

A decada foi fertil de acontecimentos e nelles figuraram individualidades de diversos meritos; uns, méros patriotas; outros, subservientes e instrumentos nas mãos possantes do principe; bem poucos, dotados de talentos, de sciencia e de capacidade de estadistas.

Aquelle periodo da vida nacional encerra fecundas lições; porém, não tem sido estudado com o criterio que exige a philosophia, sem o qual a historia não passa duma alluvião de datas, de factos e nomes, trabalho que pôde sobrecarregar a memoria, mas evidentemente improficuo.

O estudo dos factos e dos personagens desse periodo, tem difficuldades. Ora, compulsar documentos, interpretar os sentimentos, os instinctos; apurar, com exactidão, as aspirações, as idéas, as illusões e os erros, que pretendiam predominar, é hoje um labor arduo, que bem raros ouzam emprender, até porque lhes faltariam os materiaes necessarios. A geração que praticou os factos, que viveu naquella decada, já, quasi toda, desapareceu da scena e não deixou testemunho, que possa guiar-nos. Assim que nos actos publicos e documentos officiaes, nos Annaes do Parlamento, nos jornaes e escriptos, poderemos ensaiar um estudo, mais ou menos verosimil, daquella phase, por assim dizer, primitiva da vida do povo brasileiro, que ainda se envolve em véos duvidosos e fascinantes das lendas. Seria, pois, indispensavel fazer um consciencioso e paciente inquerito para tentar a evocação desse passado ainda recente. Os homens do primeiro reinado não quizeram, ou não souberam adoptar os uzos dos estadistas dos paizes cultos, por exemplo, da Inglaterra, ou da

França, onde as memorias, os diarios, as correspondencias, os papeis abundam como fontes, ou documentos, esclarecendo e explicando os acontecimentos.

Aqui se lêem *Memorials and correspondence of Charles Fox, editet by lord John Russel*; allí avultam *Buckingham's Papiers*; acolá vemos *lord Malme's Cury's Diaires*. Não ha carencia de documentos, como succede entre nós. Os factos e os homens apparecem em taes papeis no character e na postura em que luctaram no parlamento, ou trabalharam na administração e no governo do Estado.

Mas, entre nós, faltam aquelles materiaes porque os actores que tomaram parte no drama que representaram, não nol-os deixavam; por essa deficiencia, o inquerito muito difficil se nos afigura; talvez seria possivel estudar cada um dos estadistas de d. Pedro I nos discursos, que os Annaes do Parlamento conservaram. Ora, si alguém emprehesse tal tarefa, poderia seguir o exemplo dum escriptor francez, que gozou de ruidosa nomeada, escrevendo um volume, no qual desfillam grandes e pequenas individualidades, que a fama exaltava, ou deprimia durante as evoluções politicas, ou litterarias, do seculo XIX.

Charles Monselet destinou o seu volume á recordação dos nomes e dos feitos de taes personagens, muitos dos quaes fizeram o esplendor, ou a honra do seculo em que viveram. O volume, por assim dizer, é uma galeria, onde se collocam, ao lado uns dos outros, os bustos de F. Arago e de Armand Carrel; de Royer Collard e do duque Pasquier; de Julio Favre e de Lamartine; de Alfredo de Musset e Gustavo Flaubert; de Benjamin Constant e de madame de Recamier; de Victor Hugo e de Laménais; de Alexandre Dumas e de Edgar Quinet; de Duvergier d'Hauvanne e do conde de Falloux; de Ernesto Renan e de Sainte Beuve e de outros applaudidos, exaltados, ou amesquinados pela critica implacavel, ou benevola; mas todos já conhecidos.

Nesse volume, Charles Monselet, apenas se limita a formar, em largos traços, o busto de cada um. Não quiz examinar longa e analyticamente as obras que compuzeram, as concepções, nas quaes revelaram as opulencias do genio. O seu proposito parece bem simples — o de não deixar no olvido alguns nomes, que a *moda* do momento atirou, entre os clarões da publicidade, aos subitos enthusiasmos das admirações irreflectidas e, quando ephemera, lá se foi e passou, tambem arrastou-os comsigo e os embebeu na obscuridade: ou de fixar a attenção das gerações novas, esclarecendo-as, suggerindo-lhes os elementos indispensaveis para julgal-os com justiça.

Esse trabalho, á primeira vista, se

nos afigura de pouca importancia; mas a reflexão nos mostra que tem utilidade. Entre nós, por exemplo, si fôsse feito, não manteriamos superstições a respeito de alguns homens, que a lenda transformou, a uns, em heróes; a outros, em patriarchas, ou semi-deuses, deturpando a verdade historica.

E' fóra de duvida que o erro prevalece, porque as gerações que se succedem ou não conhecem as passadas, ou as desprezam. Não deixam de ter alguma razão. Em verdade, é labor insuportavel e repulsivo ~~manusear~~ manusear Annaes do Parlamento, collecção de leis e de actos administrativos, jornaes, e recolher as varias versões da tradição para recompor o passado, quando não ha documentos positivos e comprobatorios.

Não notaram, em França, que, decorridos os primeiros annos da effervescencia do romantismo, o nome de Lamartine já não accendia o enthusiasmo doutr'ora? Não se reproduziu o mesmo caso logo depois dos revolvimentos sociaes da crise de 1848, em que, orador politico, elle exerceu incontestavel dictadura intellectual?

Essa obliteração da memoria é um phenomeno das novas gerações. Ellas, como o homem e a sociedade, tambem téem sua psychologia. As passadas viveram a seu modo; as novas, por sua vez, pretendem proceder da mesma sorte; apparecem com instinctos e sentimentos, idéas e aspirações, necessidades, gostos e tristezas differentes. As novas gerações, olhos fitos em longinquos horisontes do porvir, criam seus idéaes, querem ter a direcção dos proprios destinos, muitas vezes rompendo com a experiencia do passado, aventurando-se a todas as incertezas e lançando-se, temerarias, nas luctas vertiginosas e nos perigos da liberdade moderna.

E' assim que se notam, nas evoluções, quer litterarias, quer politicas, ou sociaes do seculo XIX, em cada periodo, despontar uma idéa, que predomina ora o socialismo, ora o principio das nacionalidades; o das fronteiras naturaes, a intervenção humanitaria, a não intervenção de rigoroso direito resultante do principio da soberania, a predominancia dos interesses positivos, das conveniencias sociaes, o fanatismo pelas idéas republicanas, ou as superstições pelas crenças monarchicas absolutas ou constitucionaes. Por outro lado, no terreno puramente litterario e scientifico, surgem escolas contrarias umas ás outras; o classicismo, romantismo, realismo, naturalismo, néoplatonismo, ecletismo, transcendentalismo, materialismo, positivismo, etc, que os cultores das letras e sciencias de sobejo conhecem, acceitam ou repellem.

Essa multiplicidade de escolas e de idéas prova a variedade das aspira-

ções, do pensar e sentir de cada geração.

De feito, os gostos da epocha anterior evidentemente não são os da quadra seguinte; cada tempo traz signaes caracteristicos, que não se confundem.

A ultima geração do grande seculo, como que cansada e fatigada, (*non satiata recedit*) na phrase do satyrico vate romano, perdeu os proprios idéaes e legou ao novo seculo a tarefa ou a gloria de abrir outros horisontes ao pensamento humano.

Que virá? Qual será a *bôa nova*?

Entre todas as creações do espirito, a eloquencia, passando através das instituições do regimen puramente administrativo, regimen por demais caro aos potentados que governam, visto como é um excellente instrumento em mãos dos governos absolutos ou despoticos, quer sejam da fôrma republicana, quer da monarchica, a eloquencia deixou de guiar as multidões, sobre as quaes imperava, soberana e omnipotente, de accordo com a imprensa, como constante auxiliar.

Tal qual observamos nas evoluções da litteratura, dessa litteratura que se pôde denominar a copiosa manifestação dos sentimentos e das idéas duma sociedade sob todas as relações e pontos de vista dos actos e do saber humano, — ha um conflicto quasi geral, um embate permanente, que se denunciam nas flammejantes estrophes dos poetas, ou nas scenas deliriosas de dramas, de romances corruptores, em cujas paginas o incesto, a prostituição, a infamia são preconizados, justificados, até engrandecidos... e expostos, como proficua lição, á contemplação absorta da mocidade inexperiente.

Toda essa transformação social influuiu efficazmente na vida do seculo, com maior ou menor intensidade, segundo as circumstancias determinavam. Tudo isso fôrma um vasto quadro, onde se avolumam e vultam o movimento da civilização moderna e os males, conjunctamente com os bens, resultantes dellas.

Charles Monselet, perito na arte de colorir, aquecendo as tintas, pinta do vivo esse movimento, espargindo seductora attracção, evocando as figuras desaparecidas; repondo-as no scenario, onde viveram e passaram, desaparecendo para sempre.

A litteratura franceza acolheu o volume com viva solicitude.

Os grandes pensadores recompensaram a obra do escriptor com sincero e caloroso applauso, porque reconheceram que esta evocação do passado é a demonstração do valor dos que nos precederam no serviço em bem do paiz. E' renovar, na memoria das gerações presentes, o respeito das extinctas. E' lembrar que o povo que

ignora a sua historia não se differença do homem que não conhece a familia onde nascera.

Ora, si entre nós, alguém tivesse o desejo e a paciencia de tentar trabalho do mesmo genero, em qualquer dos campos das sciencias e lettras, ou da politica e do governo do Estado — quem o leria?

Uns, meneando a cabeça sizuda e gravemente, dirão: — objectos de archeologia; guardem-n'os nos armarios dos muzeus.

Outros, com sorriso escarninho, perguntarão — mas que temos nós, os viventes deste tempo, com a vida daquelles que nos antecederam? Não lhes perturbemos o repouso e a paz na immobilidade do sepulchro. Certo, que nos importa, a nós, saber de que sorte viveram, pensaram e laboraram as gerações das éras idas? Cada geração tem seu modo de viver de conformidade com as necessidades de sua epocha: novos factos criam outras normas e deveres, direitos e relações diversas. Que temos com os soffrimentos que as affligiram, victimadas como estavam a violencias de governos irresponsaveis, absolutos e tyrannicos? Porque toleraram taes governos?

Si ellas fôram, porém, heroicas; si ouzaram, impavidas, travar tremendas luctas em pró da liberdade moderna — civil e politica — e si conseguiram fundar no Brazil o governo parlamentar e livre, governo da razão, do direito, pôdem, ufanas de gloria, repouzar com a consciencia tranquillada por haverem desempenhado a missão que lhes havia reservado o destino.

Nós — as gerações do presente — não invocamos as do porvir, nem ellas pôdem vir em nosso auxilio, evidentemente porque não existem.

Quanto a nós, cumpriremos os nossos deveres, como pudermos e faremos muito, visto como nos falta a coragem de defender os nossos direitos, quando comprimidos, ou usurpados por qualquer poder arbitrario.

Assim, de que fôrma nos occuparemos de interesses que já passaram e dos quaes apenas existe menção na historia? Podemos abrir mão da herança do passado — onehada e inutil: sobejam-nos infortunios. A experiencia e o soffrimento ensinaram-nos a conveniencia da pratica de maxima prudencia e das hypocrisias de virtudes civicas.

Temos ainda motivos para cuidar sómente da actualidade, abandonando o passado, porque o legado que nos deixou tem sido muito pezado.

Em verdade, que nos transmittiram José Bonifacio, que nos transmittiram José Bonifacio, *patriarcha da Independencia* e os outros estadistas do primeiro reinado? Em que nos pôdem aproveitar os exemplos da politica e

do governo, que praticaram? Tiveram elles o patriotismo de assentar sobre bases seguras as instituições que estabeleceram? Onde a sabedoria dos seus actos? Porque nos preconisais os feitos dos homens de 1821 a 1831? Porque nos quereis impor a admiração dos estadistas do defensor perpetuo do Brazil? Quanto ao porvir, nada temos a esperar nem lhe devemos legar coisa alguma. As gerações nascem, vivem e passam, cada uma por sua vez; cumpre-lhes cuidar dos seus destinos sem dependencia da herança do passado e sem esperança no futuro.

E' deste modo que, em seu egoismo, pensam e fallam os homens que constituem as gerações novas. Pouco lhes importa o passado, do qual aproveitam, como lhes convém, e recusam aquillo que lhes contraria os instinctos e lhes empecem as aspirações.

Em tal meio social, como examinar o que fôram os estadistas do passado, perante a geração que até não cuida nem se interessa pelo presente?

O livro de Monselet seria, *in limine*, regeitado, ou passaria coberto de geral e completa indifferença. A propria critica, sempre voraz, perderia o appetite. Em França, porém, despertou a attenção publica, promoveu mais dum estudo, conscienciosos inqueritos acerca de varios factos da historia; evocou as imagens esquecidas e abandonadas dos fundadores da unidade nacional, dos principaes creadores da centralisação administrativa.

A gloria dessa especie de renascimento não cabe exclusivamente ao livro de Monselet. O impulso é anterior á sua publicação, que apenas verificou a necessidade que os espiritos experimentavam de conhecer e de esclarecer as origens historicas do organismo nacional.

Já corriam publicadas, na litteratura franceza, as obras importantes de Remusat, do conde L. de Carné, de Tocqueville, de Odillon Barrot, sobre a centralisação, do barão de Barante e outros.

Então, as proprias gerações novas compenetraram-se da verdade contida nesta phrase do philosopho grego — *vivemos todos dos mortos*. O presente vive do passado, não ha negal-o. As gerações novas ligavam nimio apreço aos inqueritos historicos; quizeram saber quanto deviam ás precedentes, que preparavam os fecundos elementos da prosperidade e da grandeza do paiz.

Entre nós, porém, as gerações novas assemelham-se á imagem do tempo; não estacam, immoveis. Ao contrario, marcham rapidas, anciosas de attingir o termo da viagem. Ellas perguntam e respondem com soffreguidão, e talvez colericas: — como parar para

ver o inicio e desenvolvimento do drama que representaram os estadistas de d. Pedro I?

Cuidemos de outras preoccupações que nos affligem.

EUNAPIO DEIRÓ.

PAGINAS ESQUECIDAS

QUADRAS SIMPLES

A lua vinha escutar-te,
Queria esconder-te o sol;
Apaixonado, o arrebol
Buscava-te em toda parte.

As vagas crespas do mar
Ao pé de ti arrulhavam,
E a tua sombra, ao passar,
Ayidamente aspiravam.

A estrella d'alva, distante,
Pelos espaços azues,
Prendia um raio de luz
A' tua trança odorante.

Ah! tu me trazias, flôr,
Num suspiro ou num queixume
Um pouco desse fulgor
Num pouco desse perfume.

E, fitando o astro tristonho
Que a nuvem desfaz, além...
Perguntaste-me se o souho
E' como a nuvem tambem...

Ave que o vento collheu,
Onde fizeste o teu ninho?
Em que ramo, passarinho,
O infortunio te acolheu?

A sorte que te desterra
A mim tambem desterrou,
O presidio que te encerra
Não sabe o mal que causou.

Eras a rosa em botão,
Eras a gotta de orvalho,
Que procurava agasalho
Dentro do meu coração.

«Vôa!», dizia-te a lua
Saíndo do seu docel,
«Assim mesmo quasi núa
Nas azas do meu corcel!»

Eras a lua a cantar
Sobre rochedos sem fim,
Como Hero a pedir por mim,
A's frias ondas do mar.

Sóbe, não queiras que o vento
Te esmague o calice ahí;
Sóbe mais, que o firmamento
Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo tambem
Como me peza este lenho;
Se te fallar ainda venho
E' só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada.
A mim ligado a outra quiz;
A ti te fez desgraçada,
A mim me fez infeliz.

P'ra qualquer parte onde vá
A alma febril do meu canto,
Rios e rios de pranto
O céo sómente lhe dá.

O silencio me acompanha,
A desgraça me condúz,
E caio aos pés da montanha
Ao pezo da minha cruz.

Perguntam todos quem és,
Que sentença estou cumprindo,
Para que viva carpindo
E passe a vida a teus pés.

Não julgam peitos humanos
Que se ame e se soffra assim
E que durante doze annos
Tenhas vivido sem mim.

Pensam que minto, talvez,
Que estou faltando á verdade;
Não ha no mundo saudade
Que mate só de uma vez.

Sorte, como a minha sorte
Inda se não viu equal:
Receio que a propria morte
Aggrave e não cure o mal.

Destas chammas infernaes
Nasceram as minhas dôres...
Ah! ferem mais que os das flôres
Os espinhos de meus ais!

De um crime, que desconheço,
A pena estou a soffrer;
Ha muitos annos padeço,
Não posso mais padecer.

LUIZ MURAT.

* * *

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

Para portuguezes, o mar tem attractivos especiaes. Para nós, elle é o caminho das conquistas, dos descobrimentos, da poesia, da inspiração artistica, da gloria nacional.

A nossa bella architectura manuelina, as capellas imperfeitas na Batalha e os Jeronymos téem, na escolha dos ornatos predilectos, na repetição de certos pormenores, o profundo cunho maritimo; vê-se a miudo a preoccupação do embarcadiço; acha-se a cada passo a revelação do marinheiro.

O nosso mais bello livro de versos é um poema maritimo, os *Lusiadas*.

A mais extraordinaria obra, que em Portugal se tem escripto em prosa, é a *Historia tragico-maritima*, uma relação de naufragios.

Em nenhuma outra litteratura collheço livro que se compare com este. A *Historia tragico-maritima* é a narração de celebres catastrophes, copiada litteralmente da noticia oral; repetida muitas vezes por uma testemunha presencial do caso referido. Nunca o talento dramatico produziu rasgos mais commoventes, effeitos mais profundamente tocantes; nunca a tragedia achou notas mais sentidamente elegiacas; nunca a arte descriptiva tornou mais palpitante e viva a acção narrada; nunca, finalmente, a sciencia da linguagem e o poder do estylo acharam para um assumpto fórmas mais adequadas, toques mais profundos, simplicidade mais real, mais pit-

toresca, mais suggestiva, mais completamente e mais cabalmente artistica. Não fazem melhor os maiores mestres, Eschylo, Shakespear, Carlyle.

Na historia do naufragio do galeão grande *S. João*, o desastre de Manoel de Souza de Sepulveda, a morte de sua mulher e de seus fillos, que elle enterra por suas proprias mãos, constitúe uma pagina primorosa e inexcidível. Roubados, insultados, despedidos pelos cafres, Manoel de Souza com a sua familia despedem-se dos seus companheiros de infortunio, dos naufragos do galeão grande, que Manoel de Souza commandava. Os marinheiros proseguem, chorando de saudade e de lastima, a sua viagem dolorosa no sertão. Manoel de Souza fica, aparentemente, indifferente, nú, com uma compressa molhada na cabeça, a procurar conter o juizo que lhe foge.

«Depois que André Vaz se apartou de Manoel de Souza e sua mulher, ficou com elle Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quaes se salvaram trez, que vieram a Gôa, e contaram como viram morrer d. Leonor. Manoel de Souza, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e fillos passavam de comer, e, sendo ainda manco duma ferida que os cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado, se foi ao matto buscar fructas para lhes dar de comer. Quando tornou, achou d. Leonor muito fraca, assim de fome como de chorar, que, depois que os cafres a despiram, nunca mais dalli se ergueu nem deixou de chorar, e achou um dos meninos morto, que por sua mão enterrou na areia. Ao outro dia, tornou Manoel de Souza ao matto a buscar alguma fructa, e quando voltou achou d. Leonor fallecida e outro menino. E sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não fez mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas dalli e assentar-se perto della, com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar nem dizer coisa alguma, estando assim com os olhos postos nella. E no menino fez pouca conta. E acabado este espaço se ergueu, e começou a fazer uma cóva na areia com ajuda das escravas, e, sempre

sem se falar palavra, a enterrou, e o filho com ella. E acabado isto tornou a tomar o camiulo que fazia quando ía a buscar as fructas, sem dizer nada ás escravas, e se metteu pelo matto, e nunca mais o viram.»

Nada mais simples, mais sublime, mais palpitantemente dramatico, mais fundamentalmente tragico. Em todas estas narrativas, nem uma só observação psychologica. Tudo é objectivo, exterior, como nos mais modernos processos de estylo tão meditados, tão perfectos, tão scientificos, da escola de Flaubert. A impressão de quem lê é lancinante e profunda. Como não temos de desviar-nos com o auctor pelas divagações criticas da analyse dos sentimentos, o facto, em toda a sua humana inteireza, apodera-se de todo o nosso espirito, e a commoção penetra-nos até á consternação e até ás lagrimas.

Este admiravel livro, unico na litteratura portugueza, feito inconscientemente por aquelles que o trasladaram da versão popular, foi o mar, o grande mestre, que o inspirou á poetica alma aventureira dos navegadores portuguezes.

Camões, tendo encontrado em Moçambique um dos marinheiros sobreviventes ao naufragio do galeão de Sepulveda e ás aventuras subsequentes, houve delle a historia do desastre, e põe-a na bocca do Adamastor, quando este profere as delicadas e saudosas estrophes, que principiam:

Outro tambem virá de hourada fama,
Liberal, cavalleiro e namorado...

RAMALHO ORTIGÃO.

* * *

NUM CORPO DE ALUGAR

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello
E não vi coração dentro do peito.

FONTOURA XAVIER.

Olhei p'ra a morta. A minha vista attenta
cravou-se nesse busto de mulher.
Lívida a palpebra caía lenta
sobre a vitrea pupilla já sem ver.

Olhei p'ra a morta. A bocca macilenta
já não vendia beijos de prazer;
despojo que ficará da tormenta,
uma fenda na carne a apodrecer.

E áquelle corpo, todo polluido,
alcoólico, esquelético e devasso,
num impeto arranquei o coração.

Era grande e sangrava inda aquecido;
fôra, na Vida, inerte espelho d' aço,
mas só elle, na Morte, estava são.

HENRIQUE ROSA.

(Lisbôa)

QUATRO EDADES DA NAÇÃO PORTUGUEZA

Reflectamos nos derradeiros momentos de quatro famosos capitães portuguezes, que viveram em diversas epochas. Nessas quatro horas de agonia, me parece ver um symbolo do periodo que abrange a virilidade, idade grave, velhice e decrepidez da nação portugueza. Este symbolo resume, se não me engano, a historia da transformação moral desse periodo.

Em 1449, o conde de Abranches, Alvaro Vaz de Almada, expira em Alfarrobeira, rodeado de cadaveres e cansado de derribar seus contrarios, defendendo a honra e innocencia do grande infante d. Pedro; porque, cavalleiro, cria na virtude doutro cavalleiro, do seu amigo, a quem antes da batalha, cujo exito de antemão ambos sabiam, jurára sobre a hostia consagrada não sobreviver.

Em 1515, Affonso de Albuquerque, o maior capitão do mundo afóra Cezar e Bonaparte, depois de estampar as quinas como em signal de servidão na frente da Asia, e de obter dos infieis o nome de leão dos mares, morre de desgosto por ver turbada contra si a face do monarcha; morre, crendo que um enredo mesquinho de cortezãos pôde offuscar a sua gloria, que alumia a terra; morre, porque se desconhecem seus serviços.

Em 1548, d. João de Castro acaba jurando que não roubára um cruzado á fazenda publica, nem acceitára uma só peita para torcer a justiça. Era necessario o juramento do moribundo para que passasse pura á posteridade a memoria dum homem honesto.

Em 1597, d. João Mascarenhas, coberto de cãs e farto de recompensas, calca aos pés a corôa de louros que obtivera em Diu, e, como o mais vil usurario, estende da borda do sepulchro a mão descarnada para receber de Castella o preço, por que vendera a patria; e expira, se não cheio de remorsos, ao menos rico de ouro e ignominia.

Em 1580, a independencia de Portugal não existia: e o Diabo do Meiodia, por me servir da frisante denominação dada por Sixto V a Philippe II, reinava em todas as Hespanhas.

As differentes circumstancias, companheiras da hora extrema de quatro homens eminentes, dessa hora em que

o espirito se mostra nú aos olhos da posteridade, revelam o seu estado moral e as suas convicções, e nelle e nellas o estado moral e as convicções da geração a que pertenceram. No primeiro, ha uma individualidade vigorosa, que tem fé na propria virtude e no testemunho da consciencia. No segundo, ha ainda a virtude, mas não ha a consciencia della; substituiu-a o juizo do monarcha: a gloria crê precisar da confirmação dos cortezãos; crê precisar dum diploma, que a legalise. No terceiro, ha tambem virtude, mas já como que duvidosa de si; a individualidade desapareceu completamente; o homem nobre e virtuoso crê que o seu nome se ha de submergir na corrupção geral que o cerca, e ergueu-se no seu leito de agonia para bradar aos vindouros: «juro-vos que fui honesto.» No quarto, enfim, a gloria prostitúe-se á traição; a nacionalidade é levada ao mercado das ambições de estrangeiros; um homem illustre cospe na face da patria, expira contando os saccos de ouro que lhe valeu sua perfidia, e a nação dissolve-se como um cadaver gangrenado.

ALEXANDRE HERCULANO.

A entrevista dos imperadores

A partida inesperada do czar para Kronstadt e o seu cruzeiro nas agnas do Baltico com o *Hohenzollern* excitou a curiosidade de toda a Europa, ao mesmo tempo que dava ensejo aos mais descontraídos commentarios.

Para alguns, a entrevista dos dois imperadores nenhuma importancia pratica poderia traduzir, pelo simples facto de não os acompanharem ministros de Estado, nomeadamente os serventurarios dos negocios estrangeiros; para outros, o sigillo do encontro e o modo mysterioso por que fôra preparada a confabulação, importavam em um conchavo de alcance transcendental. E' de presumir, porém, que a verdade se mantinha em posição média a esses dois extremos, sendo absolutamente absurda a hypothese que attribuiu alcance anodino á conferencia realisada entre os dois mais poderosos dynastas do Globo. O facto de acompanhar ao czar o heroico commandante do cruzador *Novik* demonstra um dos temas certamente discutidos pelos dois soberanos: o poder naval dos japonezes e a sua technica em combate; mas a evocação de tal assumpto illustraria talvez o resto da

conferencia, dando ensejo a considerações que o tempo se encarregará de refutar ou confirmar.

Com o espirito de decisão que constitúe uma de suas mais notaveis características, não deixou com certeza escapar Guillerme II a occasião que se lhe offercia de amolgar a cera maleavel a que se redúz a vontade do imperador Nicoláu; o seu ascendente dominador e tyrannico deve ter-se exercido sem receio de contradicta. Tenaz na prosecução de seus planos, não desdenha o kaiser nenhum effeito, não recusa adjutorio, por pequeno ou insignificante que seja, capaz de lhe proporcionar vantagens na lucta grandiosa que encetou para fazer do seu imperio a potencia dominadora da Europa e, quiçá, do mundo.

Desejoso de combater, de vez, a rival commercial, unico obstaculo que lhe resta destruir para o triumpho final, procura Guillerme II confederar todos os estados europeus do continente contra os anglo-saxões e principalmente contra a Grã-Bretanha, dominadora dos mares. Um impedimento, entretanto, existia, a Dupla Alliança, por força do qual o equilibrio tão cubicado por todos os povos ia se mantendo, ainda que penosamente. A guerra russo-japoneza rompeu-o, e a série de desastres em que tão provadas ficaram as armas russas, veio provocar novas combinações, novos agrupamentos, isto é o campo aberto para as surpresas politicas. A occasião mostrava-se opportuna e o kaiser tão bem a comprehendeu que se resolveu a annunciar-a ao mundo com um golpe de effeito: a manifestação de Tanger. O alvitre foi dado á França para escolher: ou o repudio da *entente* com a Inglaterra ou a ameaça de um rompimento com a sua vizinha de léste.

Serviu de bode expiatorio o sr. Delcassé; mas o seu successor, o habil e cauteloso sr. Rouvier, soube conservar-se sereno e calmo num momento angustioso para a sua patria, evitando-lhe a imminencia de uma guerra e obrigando o adversario a explicar-se, a abrir mão do mutismo que pretendia sustentar; donde victoria moral, attenuante do golpe anteriormente vibrado.

Não descançou a diplomacia allemã; continuou o seu trabalho de sapa em Marrocos á influencia franco-ingleza, ao mesmo tempo que o chefe do imperio buscava novo meio de intimidação para a Republica vizinha e julgou achal-o com a já tão celebre entrevista do Baltico.

Telegrammas de Pariz annunciaram que o sr. Rouvier, referindo-se á conferencia dos dois imperadores, mostrára certa frieza, o que não escapou ao sr. de Witte, ministro do czar e seu representante nos trabalhos para a celebração da paz com o Japão, e os pro-

prios jornaes emprestaram uma nota um tanto pessimista a um acontecimento aliás imprevisito e desconhecido do proprio mundo official de S. Petersburgo.

A attitude do imperador allemão provoca e apressa a modificação que lentamente ía sendo elaborada; as duas combinações continentaes, apesar dos desmentidos frequentes, já não correspondiam aos fins para que tinham sido estabelecidas; mas o receio de complicações graves, o medo da guerra, levava os governos a adiar as difficuldades crescentes, a manter um equilibrio precario, quasi instavel. A politica offensiva allemã vem precipitar os acontecimentos e obrigar as peças do taboleiro mundial a occupar posições definidas; mais uma vez, a lucta pela dominação dos mares se avizinha, e a Allemanha, para vencer o seu competidor economico, que, no elemento movel, ainda é invulneravel, procura attraír na liça o alliado provavel da Inglaterra, a França, esperançosa que está de lhe poder vibrar golpes decisivos. «Que importa—diz um órgão germanico—que importa que o nosso commercio maritimo seja destruido, Hamburgo bloqueado, os demais portos do imperio incendiados! As victorias campees além dos Vosges compensarão, se não excederem, os desastres soffridos no mar».

A esta affirmativa tão imperiosa quão categorica, seria licito responder que a França de hoje não é a de 1870, e que o seu exercito aguerrido e disciplinado, possuidor de formidavel artilheria, talvez não se deixará tão facilmente dominar como julgam certos periodicos da imprensa allemã. Demais, dadas as theorias do capitão Mahan, a junção das duas mais poderosas marinhas do Globo traria como resultado o aniquilamento immediato do commercio germanico. E após uma interrupção de mais de dois mezes de sua vida commercial, com um bloqueio rigoroso dos mares sseptentrionaes e do Mediterraneo, não se acharia exhausto o imperio allemão? Para compensar situação por tal modo aterrador, ser-lhe-ia preciso occupar, neste mesmo periodo de tempo, a capital franceza; ora, os elementos de defeza existentes permitem affirmar o contrario. Dahi, a tarefa que se impoz o imperador de colligar toda a Europa central e oriental contra a possivel união das duas grandes nações occidentaes, na previsão da lucta que ha de decidir se a hegemonia do mundo deverá ou não pertencer á raça germanica.

GASTÃO RUCH.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do 1.º trimestre de 1904 e do 1.º semestre de 1905.

SCIENCIA E THEOLOGIA

(A proposito da inauguração do 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano).

A capital brazileira será, em poucos dias, a séde de uma assembléa de intellectuaes, representantes da moderna cultura scientifica, subvencionada e protegida pelos varios governos da America Latina.

E' o 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano.

Sem apreciar a importancia real dessa sciencia surgida de academias e congressos—onde quasi nunca o verdadeiro merito é acolhido e que jámais crearam as invenções capitaes do espirito humano, tornando-se-lhe antes perennes obstaculos, moveis perpetuos de perseguições—não ha duvida que nessa reunião de espiritos diversamente instruidos, orientados por diversas doutrinas, domina, mais do que o valor das *memorias*, o sentimento de solidariedade das patrias latinas da America.

E' uma festa da união historica dos povos ibericos do continente columbiano.

O Congresso Scientifico se torna assim uma Convenção de Fraternidade.

Além disso, como a Sciencia é invocada para caracterisar o convivio dos representantes, seja qual fôr o espirito com que a estudam e propagam, vê-se quanto o seu caracter de universalidade tende a manifestar-se, ligando, sem vãos preconceitos patrioticos, os scientistas de patrias diversas.

Não é mais a sciencia mexicana, a sciencia brazileira, a sciencia chilena ou argentina, mas é a sciencia latino-americana que distingue o novo congresso.

Tal noção do cunho mundial da sciencia é que exprime a verdade historica. A sciencia não tem patria. E' o laço definitivo de todas as patrias.

Embóra entregue ao estudo desregrado de especialistas, desprovidos de cultura encyclopedica e subordinados aos poderes politicos, que, muitas vezes, em nome della, encarceram e matam, como os inquisidores em nome de Deus, é ainda a Sciencia que, actualmente, por seu prestigio, bem ou mal applicado, se tem o habito de invocar para destruir os flagellos que atormentam a sociedade: a guerra, a miseria e a molestia.

As conferencias de paz, os congressos socialistas, as ligas contra a tuberculose, todas essas associações humanitarias appellam para a sciencia, buscando nella os meios de aperfeiçoamento da nossa especie.

O nosso Congresso Scientifico é uma dessas reuniões dos que, julgando-se mais ou menos depositarios de uma parcella da Sciencia, pretendem con-

correr para o que entendem ser o verdadeiro progresso humano.

Creio que nenhum dos congressistas, quaesquer que sejam suas convicções theologicas—catholicas, protestantes ou deistas—terá por fim nosseus discursos e memorias tratar dos meios de alcançar o céo, discorrer sobre a Eucharistia, interpretar a Biblia e discutir sobre a existencia de Deus, baptisado com os nomes de Força Universal ou Incognoscivel.

O fim da assembléa é a sciencia, a sciencia como se comprehende no mundo academico, mas, emfim, a sciencia.

Para que então inaugurar as sessões do Congresso com uma Missa solemne, celebrada na verdadeira cathedral catholica da cidade pelo representante maximo, entre nós, do Pontifice romano, o sr. arcebispo do Rio de Janeiro?

A cerimonia theologica não se coaduna com a festa scientifica.

Quando os phenomenos superiores do mundo politico e moral fôram emfim arrancados ao arbitrio divino; quando as almas verdadeiramente emancipadas não crêem mais que as revoluções e as epidemias são castigos de Deus mas factos sujeitos á fatalidade das leis do destino ou do acaso; quando a sciencia proclamou o domínio supremo das leis reaes sobre as vontades arbitrarias de qualquer ente divino, como se comprehende que as festas do espirito instituidas com um fim todo humano, sejam consagradas por uma cerimonia theologica?

O celebrante da missa annunciada é o mesmo que ordena preces *ad petendam pluviam*, afim de que a divindade se apiede dos flumineuses e lhes abra as cataractas do céo, enviando-lhes copiosa chuva.

Não é de estranhar tal processo indicado pelo respeitavel chefe da Igreja Catholica brasileira; mas é de admirar que os physicos do Congresso estejam de accordo com tal meio de obter chuva e acreditem em influencias sobrenaturaes, capazes de realizar o phenomeno meteorologico.

E' verdade que muitos cientistas conciliam ou, antes, pretendem conciliar essas divergencias flagrantes e continúam a chamar-se catholicos. São catholicos a seu modo. Escolhem do Catholicismo o que lhes convém, com ou sem sinceridade, e proclamam que a verdadeira sciencia não está em contradicção com as suas convicções religiosas.

Talvez destes existam alguns na assembléa; mas a maioria deve ser composta de livres pensadores, revolucionarios deistas ou scepticos. Taes membros de certo repellem totalmente as doutrinas catholicas e não conciliam as preces *ad petendam pluviam* com as fatalidades atmosfericas.

Assim, a Missa, cerimonia caracteristica do Catholicismo, é impropria para inaugurar um congresso scientifico.

No entanto, esse consorcio hybridado da Theologia com a Sciencia actual, muito commum nestes tempos de anarchia de idéas e sentimentos, é perfeitamente explicavel, dada a impotencia da Theologia para arrancar á Sciencia a posse do espirito e a impossibilidade da Sciencia commum tirar á Theologia o dominio do coração.

O Congresso Latino-Americano, tendo um fim social, a sua installação, as suas sessões constituem mais que tudo festas civicas da solidariedade latino-columbiana, mantida pela sciencia tal como os seus representantes a cultivam ordinariamente.

Ora, é o modo ordinario de cultura scientifica que torna a sciencia impropria ás expansões cultuaes.

Incapazes pelo coração ou pelo espirito de applicarem a theoria da abstracção ás existencias superiores, a sociedade e o homem, e dando ás sciencias mais simples um gráu de absoluta precisão, que ellas não téem, alguns cientistas não admittem a legislação dos phenomenos historicos e moraes. O estudo dos povos e dos homens; as questões de familia, propriedade, governo, costumes, deveres, não se submettem, conforme pensam, a leis naturaes immutaveis; estão entregues ao arbitrio da vontade theologica de Deus ou da soberania metaphysica do individuo, sujeitas a caprichos divinos ou a direitos individuaes.

Outros cultores da sciencia, sentindo a inanidade da distincção entre phenomenos regulados por leis e phenomenos arbitrarios, proclamam theoremas de historia, principios de moral, independentes de vontades divinas, mas materialisam a sciencia, deixando os mais bellos idéaes abandonados aos dominios do incognoscivel, do insondavel, do mysterio; o que para elles é o objecto da Religião.

O sentimento é assim destinado a exercitar-se em vãs chimeras, apregoadas pelas diferentes crenças ficticias, ou então atrophia-se por falta de exercicio si a intelligencia se absorve na cultura materialista da sciencia.

A faculdade humana, por excellencia, o coração, não encontra na tão celebrada sciencia, arida e grosseira, perversa e inquisitorial muitas vezes, um motivo de enlevo, um movel de entusiasmo que vença os receios da vida supraterrrestre, conforte todas as almas e as faça acceitar, como a suprema ventura, a vida terrena, moralizada pela virtude e illuminada pelo saber.

A sciencia commum degrada o coração e perturba o espirito; atrophia

o sentimento e não desenvolve a intelligencia. Póde dar um brilho apparente que deslumbra a vista mas não esclarece a razão.

Com rarissimas excepções, é tal sciencia que todos estudamos nas escolas officiaes de ensino primario, secundario ou superior, nacionaes ou estrangeiras.

E' o que se aprende no Brazil, na America, no Occidente inteiro.

E' tal sciencia o objecto das academias e congressos scientificos.

Dahi, a necessidade intima de uma consolação para a alma deserta; um allivio para o cerebro cansado das cogitações do saber; um idéal sublime que nos confraternise e todos reúna sob o mesmo pallio de Fé e de Amor.

Dahi, a necessidade da Religião, ordinariamente confundida com as suas fórmulas provisórias: Catholicismo, Islamismo, Budhismo, etc.

Como a sciencia, officialmente proclamada, não satisfaz por si só os corações, sedentos de nobres idéaes, os espiritos desviam-se, contradizem-se e, demonstrando dogmaticamente a inanidade da fé theologica, contraria ás leis scientificas, acceitam-na, contudo, julgando-a necessaria ao sentimento. Concorrem para os esplendores do seu culto e realisam praticamente a hypocrisia philosophica de Kant: a razão pura não demonstra a existencia de Deus mas a razão pratica a impõe.

O Congresso scientifico inaugurando as suas sessões pela Missa, satisfaz contradictoriamente a necessidade imposta á natureza humana e a que seus membros não pódem fugir: as manifestações cultuaes, os actos religiosos.

Apenas o que se tem de lamentar é a alliança hecterogenea da Theologia e da Sciencia, peculiar á situação moderna, retrograda ou anarchica, em que a Theologia perdeu a sua dignidade religiosa e a Sciencia ainda não adquiriu sufficiente para consagrar terrestre e humanaente todas as festas sociaes.

A inauguração theologica do Congresso Scientifico é o melhor attestado do que valem hoje moralmente as crenças ficticias do Catholicismo e as convicções reaes da sciencia academica.

Entretanto, ha quasi meio seculo, o mais assombroso dos genios legára á posteridade todo o thesouro da sabedoria humana completado e systematisado pela religião que fundára.

A Sciencia recebeu emfim a consagração religiosa. Aristoteles e S. Paulo reuniram-se no mesmo cerebro.

Podemos adorar sem Deus como já podemos pensar sem elle.

As festas da sciencia pódem ter celebrações humanas e terrestres, li-

vres de toda cerimonia theologica e metaphysica.

Embóra a assembléa latino-columbiana não possa realisar uma festividade deste genero, tão incompativel com a sua propria existencia como opposta ás idéas e crenças da maioria ou totalidade dos seus membros, comtudo poderia libertar-se de uma celebração cultural finalmente contraria ao proprio fim de sua convocação.

Si tal fizesse, o conjuncto das ceremonias civicas que, aliás, hão de concorrer com a Missa, tornar-se-ia um esboço empirico mas real do culto humano, o qual, queiram ou não queiram, é o que fundamentalmente domina através das illuminuras chimericas que lhe dá um ritual theologico qualquer.

Estas reflexões, feitas sem animosidade alguma contra o Catholicismo, a sublime fé da Edade-Média, só téem por fim salientar estes tres factos capitais :

1º A necessidade do culto;

2º A impotencia da sciencia comum para satisfazela;

3º A solução desse duplo problema pela consagração religiosa da sciencia.

E' a falta de uma nova fé, real e demonstravel, que venha substituir a antiga, ficticia e indemonstravel; é a carencia de um culto em que as expansões do Amor sejam guiadas pela verdadeira sciencia, que nos faz assistir esta quasi inevitavel incoherencia, este absurdo necessario :

«Celebrar-se a fraternidade latino-americana, em nome da sciencia materialista, cousagrada pelo Catholicismo decadente.

REIS CARVALHO.

O ALMIRANTE (42)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XVIII

— A situação — continuou Sergio — era melindrosa. A' surpresa causada pela revolução poderiam advir reacções internas, obstaculos internacionaes que o governo previdentemente removeu com essa missão de paz, de amizade, confiada ao mais puro, ao mais eminente dos proceres da Republica, o ministro das Relações Exteriores.

— Boa pessoa, não ha duvida. Isso, porém, não o preservou dos golpes da calumnia, da difamação que está provocando uma agitação em todo o Paiz. Censura-se por ali acicamente o luxo dessa missão de um couraçado, gastando dinheiro a mãos cheias...

— Disso — interrompeu Oscar, vivamente — posso dar informações verdadeiras, porque a parte naval da mis-

são foi por mim organisada. As despesas fôram minimas e o chefe da missão tem dirigido as suas finanças com verdadeira parcimonia, conforme sabemos pelas communicções officiaes pelo telegrapho. De resto, elle poderia gastar muito mais, porque nessas manifestações de cortezia internacional, numa visita de tão grande alcance politico, não se devem regatear os meios de manter a dignidade e o brilho do nosso nome. Ainda está vivo na memoria de todos o máu effeito do proceder do governo imperial com o Custodio no Chile, por causa de uns quatro contos gastos em renuneração de gentilezas feitas á officialidade do navio, que tinha a bordo um principe. Esse acto de excessivo rigor do meu amigo Ladario influin muito na agitação que apressou os dias do Imperio.

— Não contesto a proibidade do ministro — ponderou Souza e Mello — mas a verdade é que esse tratado o impopularisou. Diz-se que se lhe prepara uma manifestação de desagrado quando regressar.

— Ah! meu caro doutor — proseguiu Oscar — ninguem está livre desses desvairamentos da opinião mal orientada. Garanto-lhe, entretanto, que o governo está apercebido para reprimir qualquer tentativa de subversão da ordem.

Oscar falava, contra a sua maneira habitual, vivamente; as suas palavras surgiram nitidas, seccas, com um ligeiro tom cortante de indignação contra a calumnia miseravel, que era o assumpto predilecto da imprensa naquelles dias. Doía-lhe ver, entre os agitadores, a mocidade militar, os discipulos de Benjamin Constant, cuja influencia preponderára no animo de Deodoro da Fonseca para determinalo a celebrar o tratado redigido na secretaria do Exterior, de accordo com a decisão tomada em reunião plena do ministerio, conforme se poderia provar com a respectiva acta.

A marquezia, surprehendida pelo ardor da defeza do governo feita por Oscar, estremezia pela sorte do seu plano recondito, reservado para a primeira opportunidade, como seria essa de um movimento popular contra o ministro, contra o governo, á chegada do *Riachuelo*, esperado naquelles dias. Ella não poderia contar com a intervenção de Oscar, e assim se desvaneciam todas as esperanças nelle depositadas, a realisação do seu sonho, do qual seria elle o mais valoroso instrumento.

— O dr. Sergio de Lima — continuou Oscar — disse com criterio acerca desse tratado, que não é definitivo. Soldado da minha Patria, eu não admittiria jámais que lhe tirassem um palmo de territorio; mas no caso em questão, trata-se de uma pretensão, e

não de um direito reconhecido, consagrado pelos meios legais. Aqui o conselheiro, versado na materia, que o diga.

— O nosso direito — respondeu o conselheiro — está apoiado nos meliores titulos e já foi reconhecido pelos argentinos no tratado do Paraná, infelizmente não ratificado; entretanto, a nossa documentação, as nossas provas não são tão completas como seria para desejar.

Souza e Mello fitou admirado o conselheiro, cuja auctoridade, na materia, não podia contestar.

— Então não ha tratados — disse elle — fixando os nossos limites, tratados entre as côrtes de Portugal e Hespanha?

— Sim, senhor — tornou o conselheiro, com segurança de erudito — Sim, senhor; temos tratados que não fôram executados, demarcações que não fôram concluidas, tratados que fôram annullados, varios incidentes que perturbaram a historia desse litigio secular. Esses tratados são, todavia, documentos de immenso valor para a solução do caso. O governo imperial commetteu o erro de tratar com longas intermittencias todas as nossas questões de limites. Os accidentes da politica interna, a simples mudança de ministerios davam logar a grandes soluções de continuidade nas negociações...

— Não conheciamos bem a topographia do territorio contestado...

— Diz bem — affirmou o conselheiro — Além dos trabalhos dos demarcadores do seculo dezoito e de alguns trabalhos posteriores, esparsos, feitos sem plano, sem systema, não conheciamos o territorio. Sómente ha pouco, graças á iniciativa do sempre lembrado barão de Cotegipe, mandou o governo explorar regularmente o territorio contestado.

D. Eugenia, num desvanecimento que não podia conter, bebia as palavras do marido e, interrompendo a discussão, sustentava que, se o governo tivesse procurado sempre o auxilio dos homens competentes, essas e outras questões estariam cabalmente resolvidas com honra e proveito para o Paiz. Estava-se vendo como o Antonino conhecia de cór e salteado essas questões; entretanto, nunca fôra consultado. Isso em parte devido a essa excessiva modestia, a esse retrahimento invencivel, que tantos prejuizos occasionára a elle e á familia.

Sergio lisonjeava-lhe o orgulho de esposa, exaltando as qualidades do conselheiro, a sua sabedoria, os seus profundos conhecimentos excepcionaes de historia do Brazil, insinuando que elle seria o homem talhado para auxiliar nessas questões internacionaes o governo, servido sempre por ministros que, com honrosas excepções, iam

fazer tirocinio na pasta do Exterior, inteiramente ignorantes dos graves, dos melindrosos negocios daquelle ministerio. O Imperador, entretanto, lhe conhecia a capacidade, o valor desse leal servidor, a cujas luzes, tanta vez, recorrera para elucidar incertezas de investigações scientificas e litterarias. A gratidão não é virtude dos principes.

As filhas do conselheiro envolviam Sergio num meigo olhar de ternura, agradecendo-lhe aquella expansão de justiça ao merecimento do pae, que, numa grave attitude de modestia, de olhos baixos, se encolhia cortado de commoção.

—Veremos—aparteou o irrepresivel Souza e Mello — se a Republica repara os erros, as ingratições do Imperio.

—A Republica—tornou Sergio—é o governo dos homens capazes, dos homens de talento; não poderá olvidar um homem da estatura do conselheiro.

—Doutor,—exclamou d. Eugenia, indo ao encontro de Sergio—permitta que lhe aperte a mão, que lhe agradeça do fundo d'alma essas palavras de justiça, que cáem como um consolo no coração desta familia...

E não pôde continuar, tanto lhe embargára a vóz a commoção.

—Ah, minha senhora — replicou Sergio, curvando-se e beijando a mão tremula da matrona—nada tem que me agradecer: eu sou um obscuro orgão de uma homenagem merecida... repetindo, apenas, o conceito unanime da opinião illustrada do Paiz acerca dos meritos do conselheiro.

—Muito habil. Não acha? — perguntou Dolores a Souza e Mello.

—Não sei porque?

—Ah, meu caro, o senhor já está com a vista curta. Pois não vê que o Sergio começa pela conquista da mãe...

—Então, elle?

—Está caídinho.

—Por quem?

—Procure; veja se acerta...

—Esse rapaz é um ambicioso; tem vistas muito altas para se amarrar num enlace sentimental.

—O senhor julga sempre os outros por si.

—Como bom julgador, minha querida. Demais, os eulaces por amor estão quasi se tornando incompativeis com os nossos costumes. O amor é um deus mythologico que passou para os dominios da poesia; ninguém lhe rende culto; ninguém o adora.

—E, todavia, domina o mundo.

—Sobre que é essa discussão? — atalhou a marquezia.

—Dolores—respondeu o advogado—teima em converter-me; eu me defendo; resisto como posso ás tentações deste bello demonio. Ella affirma que o amor domina ainda o mundo e eu sustento que o deus mythologico não

tem mais altares nos corações. Uma outra potestade o desthronou, o interesse, sua alteza o dinheiro.

—E' muito severo o seu juizo acerca dos nossos costumes — ponderou a marquezia.

—Será severo mas é justo—Eu não sou culpado do decrescimento do nivel dos nossos costumes, nem influí já-mais para que idéas subversivas lhe deturpassem a pureza primitiva dos bellos dias da familia patriarchal.

—Concorreu sim—interrompeu Dolores—sendo adversario do casamento.

—Eu, inimigo? Não tem razão. Tenho-lhe repetido um milhar de vezes que sou uma victima da sorte: não chegou o meu dia.

—Os celibatarios são inimigos da sociedade...

—Da familia e da raça—concluiu Sergio.

—Entretanto, o meu illustre collega—objectou Souza e Mello—está abeirando aos trinta annos e. se conserva solteiro, como o nosso caro Oscar, que está envelhecendo...

—Justifico-me—interrompeu Oscar—com as exigencias da minha profissão. Quando um marinheiro casa, deve fundear. A vida do mar é incompativel com as responsabilidades, com as delicias do lar.

Amelia empallideceu, ligeiramente, e suffocou a sua commoção, mordendo ligeiramente os labios, procurando conter o arfar do seio com um esforço que não escapou ao olhar investigador de Dolores.

—Eu entendo que não ha posição mais dignificadora de um homem, qualquer que seja a sua profissão—disse Sergio—como o recesso adoravel de um lar, como chefe de familia. O amor é como a fortuna: não se deve correr atrás delle. O mais razoavel é esperar que elle nos fira com as suas settas crueis...

—E' o meu caso, — interrompeu Souza e Mello—ou, antes, foi o meu caso. Aqui onde me vêem, esperei em vão: estou incolume: o amor não me julgou digno da sua aggressão, não sei se é porque o meu physico não tinha attractivos...

—O senhor era um elegante moço—observou a marquezia.

—Muito obrigado á benevolencia de vossa excellencia, á benevolencia dos seus olhos caridosos.

—E está ainda—ponderou Dolores, sorrindo—muito bem conservado de corpo e alma.

—Como é amavel, Dolores.

O conselheiro tomou a iniciativa da terminação do saráu. Conforme as prescrições do medico, as recepções da marquezia não se deviam prolongar, embóra ella allegasse que preferia estar com os amigos a ir procurar no leito o somno fugitivo.

—Vossa excellencia—disse o conse-

lheiro—é muito amavel, mas a sua saúde é para nós sacratissima.

Veio o momento das despedidas, muitos beijos, muitos abraços, muitas recommendações da ultima hora. A marquezia pediu a Dolores que visitasse a baroneza de Freixo, que estava de cama atormentada pelo seus nervos indomaveis.

A' saída, Dolores murmurou ao ouvido de Souza e Mello, com um fauceiro tom de ameaça:

—Fique sabendo, seu velho, que faço questão da sua presença no baile do Deodoro.

—E' impossivel...

—Não admitto desculpas.

—Mas as minhas convicções, a minha attitude de adversario do governo...

—Tudo se conciliará.

E seguiram todos conversando através dos canteiros embalsamados pelo halito das rosas, dos jasmims suaves, das soberbas magnolias entontecedoras, adormecidas ao abrigo das sombras da folhagem, no ambiente da morte tépida.

Quando se acharam, a sós, a marquezia se dirigiu a Oscar, deu-lhe a mão, que elle osculou em amorosa reverencia.

—Váe repousar, meu querido filho—disse ella, com vóz repassada de ternura, como se evocasse, naquelle momento, a dolorosa saudade dos filhos mortos—Váe repousar. O demasiado trabalho está influindo no teu espirito, nas tuas idéas.

E como Oscar a estreitasse nos braços, ella terminou, num ligeiro tom de remoque:

—Tu estás ficando jacobino.

—Eu?!

—Váe repousar e Deus te proteja.

Oscar beijou-a de novo, sorrindo, protestando, com calor:

—Mas serei sempre teu, minha mãesinha adorada.

(Continúa)

No mez de junho, fôram diplomados, nos institutos de ensino superior de New-York, 2255 alumnos dos dois sexos, assim distribuidos:

	Collegio	110
	Escola de Direito	110
	de medicos e cirurgiões	185
Universidade de Columbia	Sciencias applicadas e architectura	130
	Faculdades	225
	Collegio Barnard	85
	de professores	200
	» de pharmacia	125
		1170
	Universidade de New-York	400
	Collegio da cidade de New-York	85
	Escola Normal	600
		2255

ANTE a sensação provocada no mundo scientifico pela descoberta de Burke— a geração espontanea, produzida pelo radium— procuramos elucidar o importante problema com a auctoridade de Gastão Bonnier, o sabio professor da Sorbona, uma das mais respeitadas figuras da Academia das Sciencias, de Pariz.

O sr. Bonnier sustenta a opinião victoriosa de Pasteur, mas, depois das ultimas conquistas da sciencia, descortinaram-se os dominios do impossivel: Cagliostro passa da lenda para a realidade.

A RESURREIÇÃO DA GERAÇÃO ESPONTANEA

Quando se suscitou a questão da geração espontanea — si a substancia viva pôde se organizar por si mesma — o problema foi resolvido pela negativa, em consequencia das bellas experiencias de Pasteur, demonstrando que — todo o sêr vivo, por mais simples que seja, provém de um sêr vivo anterior.

A discussão terminou, então, pela victoria de Pasteur, contra Pouchet e seus numerosos adversarios? Não se poderia mais, por qualquer titulo, tratar da geração espontanea? A negativa se impõe do ponto de vista das demonstrações experimentaes directas, precisas, e nos limites estabelecidos por Pasteur aos seus contraditores; mas, apesar das provas irrecusaveis, a possibilidade da geração espontanea foi de novo admittida. Naturalistas eminentes resuscitaram o problema, que parecia definitivamente resolvido, tomando-o como base de novos edificios theoricos; descobertas recentes, experiencias feitas no sentido de outra ordem de idéas servem de apoio ás novas vistas.

* * *

Antes de examinar os factos, as hypotheses que determinaram a resurreição dessa questão capital, é preciso estabelecer, de maneira absolutamente precisa, o que seja geração espontanea ou gerações espontaneas.

Tantas confusões se produziram no litigio apaixonado que lançou os sabios uns contra os outros, durante um seculo e meio, que é indispensavel projectar um pouco de claridade no proprio amago do assumpto.

Desde a primeira experiencia, feita por Needham, em 1747 até ás ultimas investigações de Pasteur em 1877. sempre se procurou saber si substancias organicas, passíveis de putrefacção, ou fermentaveis, provenientes, na realidade, de sêres vivos preexistentes, e mortos, poderiam, depois, por si mesmas, engendrar sêres vivos microscopicos. Foi a essa questão que a experiencia respondeu pela negativa.

Mas outra existe, de maior gravidade, sobre a qual nenhuma experien-

cia se fez durante a lucta legendaria. Substancias que nem são vivas, nem provém directamente de sêres vivos ou que jámais lhes pertenceram — o carbono, o phosphoro, o oxygeno, o hydrogeneo, o azoto, o enxofre, etc.— pôdem-se combinar entre si, espontaneamente, uns e outros para fabricarem substancia viva? E' essa uma geração espontanea, muito mais importante do que a precedente, porque, resolvida positivamente, permittiria explicar a formação dos animaes, dos vegetaes, sobre a terra, e, ainda, si as condições dessa hypothese puderem ser realisadas pelo homem, deixará entrever a possibilidade de crear com todos os seus membros a substancia viva.

Pasteur reputava essa questão de tal maneira absurda que não a propunha; ao passo que Hæckel a achava tão natural que a propunha immediatamente após os resultados obtidos por Pasteur.

Tal é a primeira parte do problema que acaba de ser novamente enunciado. Para melhor apprehender a sua segunda parte, é indispensavel remontar a alguns pontos da historia da geração espontanea. Fôram classificados entre os partidarios absolutos dessa doutrina, dois naturalistas sobre os quaes se deve fixar a attenção: Buffon, contraditor de Spallanzani no XVII seculo; Trécul, um dos mais encarniçados adversarios de Pasteur.

Buffon é personagem conhecido, sobre o qual seria inutil insistir. Diz-se que elle escrevia com punhos de rendas, o que demonstra não se servir das mãos para as suas experiencias; era, todavia, um notavel observador e espirito superior. Para discutir a sua maneira de pensar sobre a questão em fóco, é necessario recordar as suas linhas seguintes, incriminadas por Pasteur:

«As moleculas dos corpos estão arranjadas como num molde. Tantos sêres quantos moldes differentes, e quando a morte interrompe o jogo da organização, o poder do molde, segue-se a decomposição do corpo e as moleculas organicas, sobreviventes todas, achando-se em liberdade na dissolução e na putrefacção dos corpos, passam a outros corpos logo que são attraídas pelo poder de algum outro molde: dá-se, porém, uma infinidade de gerações espontaneas no intervallo de inacção da potencia do molde».

Estas phrases de Buffon fôram consideradas por Pasteur como completa declaração de principios em favor da geração espontanea.

E' verdade que naquella citação, Buffon emprega a expressão—geração espontanea—mas deve-se observar que elle fala de moleculas organicas *vivas*, não sendo verdadeira geração espontanea que faz sair o vivo do não vivo! Buffon falou de moleculas; não queria

dizer com isso que ellas fôsem insecaveis ou inorganizadas; além disso, demonstrou-se, recentemente, a existencia de sêres vivos tão pequenos que não são visiveis, submettidos, embóra, ao augmento dos mais poderosos microscopicos. Mais adeante, trataremos deste assumpto.

* * *

Buffon, em summa, admittia que as substancias em decomposição podiam se destacar das particulas vivas extremamente pequenas, as quaes eram capazes de se agglomerar, de se agenciar entre si, para formarem as cellulas iniciaes dos novos sêres; mas não supponha que essas moleculas organicas se produzissem espontaneamente á custa de substancia inerte. Veremos que, por um outro caminho, Trécul, no fim do XIX seculo, chegava á mesma conclusão.

Trécul, auctor de notaveis investigações sobre anatomia vegetal, era um singular typo de sabio; habitava, como um estudante, num quarto do hotel da rua Lineu, e não tinha outros recursos além da infima contribuição que recebiam os membros do Instituto. Trabalhando só durante toda a sua vida e desconfiando de varios dos seus collegas, adquirira manias particularmente exóticas; escrevia, por exemplo, ao abrigo de uma especie de enorme *abat-jour*, para não se lhe ler por cima das espaldas o que estava escrevendo, ou mandou atravessar de barras de ferro o orificio da chaminé, com medo de que os seus inimigos scientificos por alli penetrassem o seu santuario. Possuía camondongos domesticos a que déra, salvo um, os nomes de seus adversarios em botanica. Affirma-se que, antes de escolher assumpto para um novo trabalho de anatomia, espalhava no assoalho um certo numero de plantas e tomava para estudo a designada pelo seu camondongo predilecto.

Trécul, como certos naturalistas de sua epocha, não admittia que se pudessem achar qualquer coisa em sciencias naturaes por meio de uma experiencia: sustentava que os sêres vivos sómente devem ser estudados em plena natureza, quando exerciam acção uns sobre os outros, e toda a operação *in vitro* era para elle nulla. Pretendia não ter necessidade do laboratorio de Pasteur nem dos respectivos aparelhos complicados, para fazer descobertas muito mais importantes do que as deste. Si queria estudar, em casa, cogumelos inferiores, por exemplo, bastava-lhe o lavatorio do seu quarto. E foi, todavia, esse estranho homem um dos mais formidaveis adversarios de Pasteur, abalando, durante muitos annos, a sala das sessões da Academia das Sciencias, com virulentas apostrophes.

Trécul era partidario de um polymorphismo absoluto nos seres de organização inferior; admittia que, conforme as condições exteriores do meio, cada um delles poderia engendrar outro. Estudára, especialmente, uma bacteria muito notavel, um dos seres hoje denominados microbios, ao qual baptisou de *amylobacter*, por conter amido em sua membrana.

O *amylobacter* que Pasteur denominava — fermento butyrico — é esse singular microbio que sómente se desenvolve no abrigo do oxigeneo; é um dos agentes mais poderosos e mais vulgares da decomposição das substancias organicas, em particular, da cellulose, que resiste a quasi todos os reactivos chimicos. Trécul sustentava que os bastonetes, extremamente pequenos do *amylobacter* eram formadas pela substancia viva das cellulas componentes das plantas atacadas por essa bacteria: era a materialisação da theoria de Buffon.

Trécul enganava-se: por um lado, experiencias precisas demonstraram que o *amylobacter* só se desenvolve dos seus proprios germens; por outro, descobriu-se a formação e a germinação dos spores desse organismo.

E, todavia, essa maneira de conceber a substancia viva como formada de uma aggregação de corpusculos vivos é hoje reeditada, com a differença de serem menores do que as minusculas bacterias observadas por Trécul.

A substancia viva pôde ser constituída de moleculas organicas com vida propria, podendo reproduzirem-se por si mesmas, dividindo-se, formando as suas disposições constellações várias que seriam as cellulas de seres vivos? Tal é a segunda parte do problema actualmente proposto.

Si, finalmente, se reunirem as duas partes do enunciado, poder-se-á formular o problema da maneira seguinte: Foi possível, em dado momento da historia da Terra e será possível actualmente, fabricar por meio de elementos mineraes inertes; essa poeira organica viva, cujas agglomerações diversas fórman todos os seres animaes ou vegetaes?

* *

Como ficou dito, foi Hæckel quem primeiro propoz, nitidamente, a seguinte questão: E' possível que um organismo nasça, espontaneamente, de uma materia que não tenha, antes, vivido, de uma materia strictamente inorganica? E o naturalista allemão respondeu de maneira positiva, apoiando-se em duas ordenes de factos: 1º, sobre a synthese chimica dos corpos chamados organicos por meio dos corpos chamados mineraes; 2º, sobre a existencia das *moneras*, os seres mais simples conhecidos, informes góttas

de substancia viva, sem nucleo, sem membrana.

Não insistiremos sobre o primeiro argumento: ha muito que a barreira ficticia estabelecida entre a chimica mineral e a chimica organica desapareceu. Desde a synthese da uréa, feita em 1828, por Wöehler, não se pôde mais recorrer a essa distincção artificial; mas quem diz substancia organica, não diz substancia organizada, substancia viva.

Quanto ao segundo argumento, a existencia das *moneras* de Hæckel, perdeu muito de valor desde que se aperfeiçoaram as investigações histológicas, desde que se puderam examinar com o microscopio, com uma technica apropriada, esses curiosos seres monocellulares. Hæckel reunira todos esses organismos sob o nome de *protistas*, e delles fizera um reino da natureza; para elle, todos os seres vivos estavam divididos em trez reinos — o animal, o vegetal e o dos protistas, em cuja maior parte se descobriram, depois, um nucleo, uma structura muito complicada. Além disso, cada especie de *monera* se liga a um grupo de seres mais elevados em organização e, muitas vez, pelos mais estreitos laços: umas são as foraminingíferas, outras as proteomyxas, myxomicetas, heliozoarias, etc.

Em outros termos: o reino dos protistas desapareceu e o numero dos seus monocellulares, sem substancia nuclear, sem complicação na structura intima, torna-se tão restricto que se pôde, com razão, duvidar que ainda exista algum delles.

GASTÃO BONNIER,
Da Academia das Sciencias.

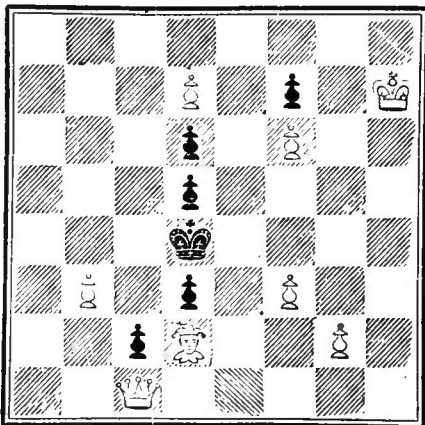
(Continúa)

XADREZ

PROBLEMA N. 12

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (6)



BRANCAS (8)

Mate em tres lances.

PARTIDA Nº 12 (a)

GAMBITO DO REI RECUSADO

(Retire-se do taboleiro a T. D. das Brancas)

Brancas

Pretas

(Paulo Morphy)

(Arthur Napoleão)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B B	— 2 —	B 4 B D (b)
C 3 B R	— 3 —	C 3 B D
P 4 C D	— 4 —	B 3 C D (c)
P 5 C D	— 5 —	C 5 D
C X C	— 6 —	B X C
P 3 B D	— 7 —	B 3 C D
B 4 B D	— 8 —	D 2 R
P 4 D	— 9 —	P 3 D
Roque	— 10 —	B 3 R
B X B (d)	— 11 —	D X B
P 5 B	— 12 —	D 2 D
D 3 D	— 13 —	P 3 B D
R 1 T	— 14 —	C 3 B R
B 5 C	— 15 —	B 1 D
C 2 D	— 16 —	P 3 T R
B 4 T	— 17 —	C 2 T R
B 3 C	— 18 —	B 3 B R
P X P B	— 19 —	P C X P
C 4 B D!	— 20 —	D 2 B D
P 3 T R (e)	— 21 —	C 1 B R
P X P	— 22 —	B X P
B X B	— 23 —	P X B
P 6 B	— 24 —	T 1 D?
P X P!	— 25 —	T 1 C R
P X C (f. D.) x	— 26 —	T R X D
D 3 R	— 27 —	T 1 T R
D 5 B D	— 28 —	T 1 B R
T 6 B R	— 29 —	D 2 R
D X P x	— 30 —	D 2 D (f)
C 6 D x	— 31 —	R 2 R
C 5 B x	— 32 —	abandonam(g)

(a) Esta partida foi jogada em 1858, em New-York, e se achia publicada no *Brentano's Chess Monthly*, dessa cidade. Morphy tinha então 22 annos e voltava da Europa, coberto de gloria.

(b) Magnifico lance para recusa do gambito: impede a immediata tomada do pião do Rei e retarda o roque das B.

(c) Porque não tomou esse pião?

(d) Para não perder o ataque, o que é essencial nas partidas em que as B. dão partido, Morphy não recua perante esta troca, como não recuou anteriormente perante a do C.

(e) Lance cauteloso de grande alcance, como adeante se verá.

(f) Se 30..., T 2 D; 31 — C 6 D x, R 1 D; 32 — D 8 B mate.

(g) Effectivamente: 32..., R 1 R; 33 — D 5 B, T R 1 C (m); 34 — D X P x, R 1 B; 35 — T X P T (ameaçando T 8 T), T 1 R; 36 — D 5 B x, T 2 R; 37 — T 6 D, D 1 R (m.) 38 — T 6 B D e ganham a D pela T.

Tacito & Lipman — Damos hoje o seu problema, que é bastante original. Muito agradecido pelas suas informações.

Pódem mandar-nos algumas partidas dos vencedores desses torneios?

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 11: 1 — R 6 D, ad libitum; 2 — D, C (x desc.) mate.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material completamente novo e moderno, encarrega-se de todo trabalho typographico.